



VOZ de ANTAS

AGOSTO-SETEMBRO/90
3.ª Série — Ano XII — N.º 121

Depósito Legal N.º 1886/84



TAXA PAGA
4900
LANHESES

BOLETIM PAROQUIAL — ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO DO PROGRESSO DA NOSSA TERRA

DIRECTOR e EDITOR
M. Brito Ferreira

ADMINISTRADOR
A. Faria

Propriedade da Fábrica
da Igreja Paroquial de
S. PAIO DE ANTAS

Redacção:
CENTRO PAROQUIAL
Télefs: 871438/871130/871357

Fotocomposição e Ofset:
Tip. Diário do Minho — BRAGA

NOVO ANO PASTORAL

As férias terminaram e um novo ano pastoral começou. Cada ano que recomeça é sempre portador de problemas e dificuldades e, também, de alegrias e esperanças.

Os responsáveis da acção pastoral necessitam de possuir alma de lutadores, não podendo deixar-se vencer pela corrente do desalento, nem tomar a atitude dos braços caídos. Tal como o remador bem determinado exige-se-lhes coragem e fé para levar a embarcação a bom destino.

Sem dúvida que a Igreja vive hoje momentos bem difíceis: a crise das vocações sacerdotais e a apatia e, até, desorientação de muitos cristãos. Mas há, também, sinais de esperança sobretudo na mobilização de leigos que assumem tarefas ministeriais importantes. E há uma certeza Cristo vai ao leme e não abandona a sua Igreja.

Num livro de Jean Delumeau sob o título «O Cristianismo vai morrer?» se diz que «a Igreja está numa fase de purificação... numa crise de travessia do deserto... deserto que purifica», concluindo que «a actual des-cristianização aparece, antes de mais, como um fenómeno quantitativo» e que, por isso, «não deve constituir para os cristãos motivo de desânimo».

O que, nestas circunstâncias, se exige é o trabalho dos sacerdotes e dos leigos em compromisso seriamente assumido — um esforço que Deus não pode, não quer substituir.

No início de um ano pastoral há, pois, que recomeçar com esperança, sem dar lugar ao desalento.

NOVO ANO PASTORAL

A nossa Terra e suas devoções

Na reunião do Conselho Pastoral Paroquial procedeu-se à análise e calendarização das propostas pastorais traçando-se, assim, o programa para 90/91.

A nossa terra é marcada pelas suas devoções. Para isso, é que a Igreja põe à nossa disposição todos os meios necessários.

— A Catequese que terá início no próximo dia 23 de Setembro. Desde o

«Despertar», preparação para a Primeira Comunhão, até à sexta classe, as nossas crianças são divididas em grupos de harmonia com as idades e o desenvolvimento, orientadas por catequistas que a elas se dão com dedicação, responsabilidade e competência. A catequese é um dos sectores mais nobres, pois é ela a base de toda uma futura vivência cristã.

— Segue na pág. 8

PEREGRINAÇÃO À TERRA SANTA

ISRAEL

O moderno estado de Israel (1948), nasceu da luta, em que tem estado mergulhado quase continuamente, desde a sua fundação. Após 18 séculos de exílio o povo judeu regressa triunfante para a terra que desde há muito é dos árabes da Palestina.

Ocupa uma estreita faixa de terra, mas extensa, a sueste do Mediterrâneo. A região norte é temperada e fértil, enquanto a região sul é árida e estéril.

Economicamente, é um grande exportador de produtos agrícolas, sendo as laranjas da Jaffa muito famosas. A agricultura bascia-se

no método empregue no Kibbutz (fazenda colectiva), moshav (aldeia cooperativa). Os Kibbutzins, actualmente, funcionam como cooperativas agrícolas, estão preparados para se defenderem (principalmente os fronteiriços) e estão equipados com fábricas que produzem diversos equipamentos.

Em 1951, a lei concedeu às mulheres estatuto igual ao dos homens, cumprindo lado a lado o serviço militar nas forças armadas israelitas: os homens três anos, as mulheres solteiras dois, estando as casadas isentas.

A razão da hostilidade entre árabes e israelitas perde-se na história. Desde há 2.600 anos

— Segue na pág. 5

Festa de Santa Tecla



Chegou o mês de Setembro e com ele chegaram também as festas em S.ª Tecla, realizadas mercê do esforço da comissão de festas e da contribuição generosa do povo de Antas e Castelo de Neiva.

O programa foi assim delineado: no dia 27 de Agosto iniciou-se uma semana de pregações.

Nos dias 29, 30 e 31 de Agosto um grupo de Zés P'reiras percorreu as freguesias de Antas e Castelo de Neiva anunciando o início das festividades.

No dia 31 de Agosto, pelas 21 horas, actuou o conjunto Micro-Music para agrado de todos os que gostam de fazer o gosto ao pé. No sábado, 1 de Setembro, pelas 15 horas, deram entrada as Bandas de Música da Associa-

— Segue na pág. 2

Convívio da A. C. R.

O Dia Regional da Acção Católica Rural teve lugar, este ano, no dia 27 de Maio, no Centro Paroquial de S. Paio de Antas.

Para além das freguesias de Antas, Forjães, Mar, Marinhas, Gemeses e Fonteboa, tivemos também a visita de elementos da A.C.R. de Famalicão, Roriz e S.ª Maria de Galegos.

O convívio teve início pelas 9 horas da manhã, prolongando-se por todo o dia.

Os nossos trabalhos começaram sob a orientação do Assistente Diocesano P.ª Ferreira da Costa, e cujo tema principal foi «A responsabilidade do cristão na Igreja e no mundo».

Depois da Eucaristia, que foi cele-

brada na Igreja Paroquial e presidida pelo P.ª Ferreira da Costa, seguiu-se o almoço, sendo partilhado por todos num ambiente de boa disposição e alegria.

Para completar a nossa festa, não podia faltar a parte recreativa, que foi animada com danças, cantigas, e pequenas peças de teatro.

A nossa freguesia participou com um grupo de pré-jovens do lugar de Guilheta, que mereceu os nossos parabéns.

Foi um dia bem passado por todos quantos nele tomaram parte, e que por isso, valeu a pena.

Maria Dias

Às populações do Vale do Neiva

— Página 6 —

PINCELADAS SOBRE O MORGADIO DA PORTELA DE BELINHO

— Página 6 —

JOVENS EM CAMINHADA

Viagens a França

Taizé: Rio de Vida

16 de Agosto, 21 horas. O grupo de jovens partiu para França, à Comunidade de Taizé, em duas Ford Transit. Seguindo o trajecto Valença, Orense, Valladolid, Palência, Burges, S. Sebastian, Bayonne, Pau, Toulouse, Carcassonne, Montpellier, Nîmes, Lyon, Mâcon, Cluny chegamos a Taizé, a

cerca de 10 quilómetros a norte de Cluny, no sábado pela manhã.

A Comunidade Ecuménica de Taizé foi fundada em 21 de Agosto de 1940 pelo irmão Roger. Hoje, tornou-se um centro por onde passam milhares de jovens, ao longo do ano, de todos os continentes para viverem uma experiência de fraternidade, de oração comum e de reflexão, norteada pelas ideias de esperança, reconciliação e

paz. Celebrou este ano, no passado dia 21 de Agosto as Bodas de Ouro. Parabéns.

Chegamos, fomos ao acolhimento que nos indicou a tenda para pernoitarmos, o horário das actividades, seguindo-se um pequeno encontro para conhecermos melhor a comunidade. Forneceram-nos um plano da comunidade, com várias informações no verso. «Vieste a Taizé para descobrires um

sentido para a tua vida. Um dos segredos de Cristo é que foi Ele quem te amou primeiro. Afestá o sentido da tua vida: ser amado para sempre, ser revestido do perdão e da confiança de Deus como de uma veste. Assim podes correr o risco de dar a tua vida. «É com este espírito, que cerca de cinco a seis mil jovens, de vários países e religiões, passam uma semana em Taizé.

— Segue na pág. 8

No próximo número

— Antas F. Clube em destaque.

— Programa das Bodas de Ouro da Congregação Religiosa do Espírito Santo... e Bodas de Prata Sacerdotais do P.ª Vitorino.

— Festa de Nossa Senhora das Vitórias.



Celebrações Baptismais

JULHO-15 — Balbina Fernandes Meira, filha de Manuel de Freitas Meira e de Maria do Carmo Dias Martins Fernandes, residentes no Lugar de Guilheta.

Padrinhos: Adelino Viana do Vale e Maria Filomena Viana do Vale.

— Filomena Guilhermes Meira, filho de Manuel de Freitas Meira e de Maria do Carmo Dias Martins Fernandes, residentes no Lugar de Guilheta.

Padrinhos: Adão Viana do Vale e Rosa maria Santos da Torre.

AGOSTO-15 — Jorge Fernando Brito Carvalho, filho de Fernando Oliveira Carvalho e de Maria Gonçalves Brito de Carvalho, residentes no Lugar de Guilheta.

Padrinhos: Lino Martins Fernandes e Maria Ascensão Cruz Baptista.

— Angélique Portela Ferreira, filha de Orlando Montalvão Ferreira e de Maria José Penteadó Portela Ferreira, residentes no Lugar de Guilheta.

Padrinhos: João Miguel Faria Penteadó e Maria de Fátima Penteadó Portela Rolo.

— Cátia Sofia de Sá Araújo, filha de David Dias Araújo e de Maria Lapeiro Sá Araújo, residentes no Lugar de Guilheta.

Padrinhos: Manuel Lapeiro de Sá e Maria Alice Barbosa Ferreira de Sá.

AGOSTO-18 — André Tiago Vieira Ribeiro, filho de Abel Ferreira Ribeiro e de Maria Acilda da Silva Vieira Ribeiro, residentes no Lugar do Monte.

Padrinhos: Manuel de Sá Vieira e Carla Alexandra Vieira de Campos.

— Ana Patrícia Neiva Sampaio da Cruz, filha de Amândio Sampaio da Cruz e de Maria Clara Torres Neiva da Cruz, residentes no lugar de Azevedo.

Foi ministro do Baptismo: P.º Dr. Adélio Torres Neiva da Cruz e padrinhos: Dr. Adélio Torres Neiva da Cruz e Dr.ª Maria Fernanda Fernandes Alves, representada por seu bastante



procurador Maria do Sameiro Sampaio da Cruz.

— André Xavier da Cruz Ribeiro, filho de António Gonçalves Ribeiro e de Maria Jacinta Viana da Cruz, residentes no lugar de Azevedo.

Padrinhos: António Viana da Cruz e Maria Beatriz Rodrigues da Silva.

— André dos Santos Pires, filho de António Caramalho Pires e de Rosa Maria Torres dos Santos, residentes no Lugar de Guilheta.

Padrinhos: Fernando Torres dos Santos e Maria Emília Vilas Boas Dias.

AGOSTO-19 — Diogo Filipe Guerreiro Viana, filho de Manuel Augusto Pires Viana e de Paula Fernanda Guerreiro Viana, residentes em Almadena, Lagos, Algarve.

Padrinhos: José Joaquim Ferreira Ledo e Maria Pires Viana Ledo.

— Pedro Sampaio Viana, filho de Bernardo Pires Viana e de Maria Isabel Viana Sampaio, residentes no Lugar da Pereira.

Padrinhos: Luís Miguel Viana Faria e Ana Isabel «Anita» Viana Faria.

A Celebração Eucarística foi solenizada pelos familiares e de Acção de Graças a Deus pela festa da vida que se conserva e se prolonga. Bem haja! Parabéns!

PRIMEIRA COMUNHÃO

15 DE AGOSTO/90

— Roberto Rei de Brito.
— Mário Jorge da Costa Moreira.
— Armando José Parente Laranjeira.

— Paulo Jorge Faria Ferreira.
— José Armando de Sá Dias.
— Helder Joel da Costa Vieira.
— Luís Filipe Caseiro Torres.
— Rui Manuel Afonso Costa.
— Bruno Miguel da Cunha Ferreira.

— Noé da Costa Correia Vieira.
— Nuno Miguel Carvalho de Sousa.

— Daniel Alexandre Vieira Alves.
— Filipe Alexandre Laranjeira Coutinho.

— Luís Miguel Rolo Viana.
— Miguel Alexandre Viana Cachada.

— Ricardo Jorge da Torre Rolo.
— Márcio Félix Vaz Rolo.
— Ana Cristina Rolo Correia.
— Daniel Penteadó Dias da Costa.
— Manuela Cristina Vitorino Laranjeira.

— Avelino Manuel Caseiro Meira.
— José Fernandes Meira.
— Diana Raquel Cunha de Sousa.
— Ana Patrícia Santos Lima.
— Ana Maria Torres da Lapa.
— Ana Sofia Viana Marques.
— Ivone Marisa Pereira Neiva.
— Isabel Cristina Faria Sampaio.
— Maria Salomé da Cruz Vila-Chã.

— Elisabete Patrícia Viana da Cunha.
— Paula Cristina Neiva de Sá.
— Sandra Cristina de Barros Pires.
— Daniela Meira de Abreu.
— Ana Cristina Rolo Correia.
— Baptista Novo Teixeira.
— Filipe Novo Teixeira.
— José Mateus Cunha de Sá.

— Francisco Maria Corrêa de Oliveira Marçal Grilo, nasceu na freguesia de Alvalade, em 1 de Agosto de 1982 e comungou pela primeira vez no dia 9 de Agosto de 1990, na paróquia de S. Paio de Antas, na Capela de N.ª S.ª do Rosário da Casa de Belinho.

Festa de S.ª Tecla

Vem da 1.ª pág.

ção Recreativa e Musical de Vilela e Marcial de Tarouquela.

Às 24 horas, como de costume, houve fogo aquático e fogo do ar. No domingo, 2 de Setembro, o dia mais importante das festas, às 11 horas missa solene. Às 14 horas, entrada da Banda de Música Velha da Casa do Povo de Barroelas. Às 15 horas, sermão em honra de S.ª Tecla seguido de procissão. Às 21h30m, festival folclórico

com a participação de diversos ranchos. Às 24 horas, sessão de fogo de artifício encerrando-se assim as festas deste ano.

Uma palavra de louvor e gratidão para a comissão de festas constituída por Domingos Cavaco, Albino Pereira, Hilário Pires, António Pires, Manuel Rolo, César Rolo, Martinho Caramalho e Manuel Cardante que não se poupando a trabalhos conseguiu levar a cabo a árdua tarefa a que se tinham proposto. Parabéns!

NOTÍCIAS EM SÍNTESE

CENTRO INFORJOVEM

● A ACARF de Forjães dá a conhecer a existência de um Centro Inforjovem a funcionar na sede da ACARF, no lugar da Igreja. Visa preparar jovens e adultos para se integrarem na sociedade de informação.

«DESCOBRE A TUA TERRA»

● O tema «Descobre a tua terra», aberto aos jovens dos 16 aos 25 anos integrado no Ano Europeu do Turismo englobou duas áreas — de texto e de fotografia. O júri constituído pelo vereador da Cultura e por dois professores, um da Escola Preparatória e outro da Escola Secundária de Esposende, atribuiu o 1.º prémio da Área de Texto a um trabalho intitulado «As cestas de junco», apresentado por Maria Olivia Ledo da Cruz que concorreu com o pseudónimo «Nevoeira».

A vencedora tem como prémio uma viagem no Cruzeiro Europa Jovem (Lisboa, Casablanca, Las Palmas, Funchal, Lisboa).

Frente Solidária «Voz de Antas»

Nos últimos números não tem sido publicada a «Frente Solidária Voz de Antas» pelo facto de o Sr. Albino Alves de Faria se encontrar hospitalizado.

Nesta data está no hospital de Viana do Castelo, em convalescença, depois de ter sido operado à coluna.

«Voz de Antas» deseja-lhe rápidas melhoras e que em breve regresse ao nosso convívio.

Nas mãos de Deus

Carolina Rodrigues Meira nasceu em 20 de Janeiro de 1919 e era filha de Manuel Xavier da Costa e Maria Rodrigues Meira.



O matrimónio contraído com Manuel Martins de Abreu deu-lhe o prazer de ver à sua volta sete filhos, pelos quais trabalhou e lutou na perspectiva duma preparação e educação cristã. Também já os netos contavam com a sua companhia, no final da catequese, pois esperava-os sempre, no final da missa de domingo.

A doença mostrou uma vez mais a fragilidade do ser humano. Avistava-se o princípio do fim. Depois duma intervenção cirúrgica rigorosa e internamento prolongado quis Deus tê-la mais junto de Si.

Paz à sua alma.

CAFÉ SÁ

Depois de restaurada a mercearia Sá, conta a partir de agora, com serviço de café.

Mais do que «tomar uma bica», o prazer de um ambiente acolhedor, onde poderá marcar encontro com os amigos ou, simplesmente, descansar. Parabéns!

BOVINA

A Bovina leva ao conhecimento de todos os interessados que na avaliação de 9 de Junho se apurou um total de 34.323 contos estando assim repartidos pelos diferentes lugares da freguesia: Azevedo — 10.620 contos; Belinho — 5.480 contos; Guilheta — 8646 contos; Estrada — 2.553 contos; Igreja — 1.280 contos e Pereira — 1.625 contos.

Informa ainda que, de Janeiro até 30 de Agosto, pagou de prejuízos um total de 345.000\$00 assim descrimina-

dos: José P. Rodrigues em 10/2/90, 20.000\$00; Manuel Gregório em 8/4/90, 65.000\$00; Celina da Costa Azevedo e, 18/4/90, 35.000\$00; Manuel G. Couto em 16/7/90, 14.500\$00; Raúl L. de Barros em 17/7/90, 20.000\$00; Manuel A. Viana em 20/7/90, 20.000\$00; Manuel do Vale Vitorino em 21/7/90, 20.000\$00; António R. Meira Viana, 20.000\$00.

PONTE RIO NEIVA

Desde Junho que se trabalha afinadamente, das 7 às 20 h., na construção da nova ponte sobre o rio Neiva que ligará a auto-estrada Norte.

De momento, a falta de um escoramento vai dificultando o trabalho, no entanto, não atrasará o prazo de acabamento que se prevê para final do ano.

Apesar do orçamento ser extremamente confidencial, o encarregado da obra lançou um número igual a 60 mil contos.

FRENTE SOLIDÁRIA

Manuel Alves de Miranda	Pereira	500\$00	Manuel Afonso Vaz Saleiro	Alvarães	500\$00
Manuel Azevedo de Faria	Monte	1.000\$00	Manuel Alves Laranjeira	Azevedo	500\$00
Maria Clara Viana da Cunha	Porto	500\$00	Horácio Alves Rolo	Azevedo	500\$00
Manuel Pereira Ferreira	Guilheta	1.000\$00	Manuel de Barros Vieira	Vila Franca	500\$00
Manuel Cândido Pires Laranjeiro, ..	Monte	500\$00	Cândido Moreira de Faria	Argentina	1.000\$00
António Dias Rodrigues	Guilheta	500\$00	Domingos Dias Vitorino	França	600\$00
Domingos Martins Ledo	Laranjeiro	500\$00	David Eiras Novo	França	600\$00
Rosa de Jesus Saleiro da Cruz	Azevedo	500\$00	Joaquim da Costa Araújo	Suíça	600\$00
Manuel Plácido	C. do Neiva	500\$00	Maria de Lurdes Bertrand Michel ..	França	1.000\$00
Manuel Gonçalves Cardante	Belinho	500\$00	Manuel da Cruz Laranjeira	França	1.000\$00
Elvira Pires Laranjeiro	Igreja	500\$00	Manuel Azevedo da Cruz	França	2.000\$00
David Sá	Porto	1.000\$00	Manuel Gonçalves Gomes	França	1.000\$00
Gonçalo Maria Loureiro Bacelar	Guilheta	1.000\$00	Maria Fernandes de Carvalho	Canadá	600\$00
Maria Marques de Sousa	C. do Neiva	1.000\$00	António Gonçalves da Costa	Belinho	500\$00
Maria Etelvina de Barros Gregório ..	V. Castelo	1.000\$00	Cândida da Cruz Neiva	Azevedo	400\$00
Manuel de Azevedo e Sá	Fajó	500\$00	Manuel Meira Novo	Azevedo	700\$00
Família de Ant. Lourenço de Faria ..	Monte	1.000\$00	José Alves da Cruz	Belinho	500\$00
Mário Quesado Sinaré	França	2.000\$00	António Alves da Cruz	Belinho	500\$00
Manuel Nelson Ferreira Caseiro	Guilheta	520\$00	António Meira da Cruz Saleiro	Igreja	500\$00
Família do P. Apolinário	Lanheses	4.000\$00	Amélia Martins Meira	Azevedo	500\$00
Mário Salgueiro	França	3.000\$00	Maria de Jesus Almeida Torres	Azevedo	400\$00
Laurentino Meira do Vale	Azevedo	1.000\$00	Palmira da Costa Araújo	Suíça	1.000\$00
Isidro Rodrigues Meira	Guilheta	500\$00	António Viana da Cruz	Azevedo	400\$00
António da Cruz Vale	França	1.000\$00	Maria Valentina da Silva Gonçalves	Monte	600\$00
Serafim Rodrigo Monteiro	França	1.000\$00	José Portas	França	1.000\$00
Será Ferreira Rodrigues	França	1.000\$00	Eugénio Ribeiro da Cruz	Monte	500\$00
David Faria da Cruz	Argentina	2.000\$00	Manuel Pereira	França	1.000\$00
Zulmira Fernandes da Cruz Ferreira	França	1.000\$00	Armindo Campos	França	1.000\$00
António de Sá	Guilheta	500\$00	Maria Lúcia Pereira Neiva	França	1.500\$00
Manuel Ferreira da Silva	França	500\$00	Avelino de Almeida Torres Neiva ..	França	500\$00
Manuel Pedreira Rodrigues	França	2.000\$00	Aristides de Almeida Torres Neiva ..	Azevedo	500\$00
Manuel Abreu	Belinho	1.000\$00	Armando de Almeida Torres Neiva ..	Azevedo	500\$00
António Afonso Vaz Saleiro	Porto	1.000\$00	Guilherme Viana do Vale	França	500\$00
António Penteadó, França	França	1.000\$00	Justina Alves da Cruz	Pereira	500\$00
Maria de Lurdes de Barros Pereira ..	França	500\$00	Domingos da Cruz Gomes	Azevedo	500\$00
Cândido Alves Pereira	Belinho	500\$00	António do Rego Vieira	França	500\$00
Paulina Alves Moreira	Guilheta	600\$00	Augusto Sampaio da Cruz	França	500\$00
Domingos Ferreira Rodrigues	França	600\$00	Augusto Meira da Cruz	Azevedo	400\$00
Serafim Meira Rolo	França	600\$00	Manuel Augusto da Cruz	Azevedo	500\$00
Fernando Joaquim Martins Ferreiro ..	França	500\$00	Manuel Gonçalves Gomes	França	1.000\$00
José Pires Alves Rolo	França	1.500\$00	Fernando de Azevedo Moreira	Suíça	1.000\$00
Amândio e Amélia Cruz	U.S.A.	5.000\$00	José Torres dos Santos	França	1.000\$00
Manuel e Madalena Cruz	U.S.A.	2.000\$00	Manuel A. Saleiro Sampaio	França	1.000\$00
Fam. Torres, Fil. do Isidro e M. Saleiro	U.S.A.	6.000\$00	Cândida Alves Moreira		500\$00
Manuel Enes da Cruz	França	1.000\$00	José Fernando Capitão Sapateiro	França	5.000\$00
Maria Helena Sá Mendes	Lisboa	500\$00	Álvaro Meira Laranjeira	França	1.000\$00
Manuel Gonçalves Gomes	França	1.000\$00	António Xavier da Costa	Estrada	500\$00
Emílio Rolo de Azevedo	Azevedo	500\$00	Alzira da Cruz Viana	Monte	1.000\$00
José Afonso Vaz Saleiro	Azevedo,	500\$00	Horácio Laranjeira	França	1.000\$00
Mário Viana Saleiro	Lisboa	500\$00	Mário de Sá e Lucília	França	1.000\$00
Maria de Fátima O. Gonçalves	Almada	1.000\$00			

(Continua)

Celebrações Matrimoniais

CASAR PELA IGREJA

O Matrimónio é um contrato que Jesus elevou à dignidade de Sacramento. Os católicos que procuram ser coerentes com a sua fé, não deverão aceitar outro casamento que não seja esse.

Aos que se dizem católicos não praticantes (não percebo como isso possa ser, mas há quem diga que sim) aconselhá-los-ia, muito sinceramente, a não optarem pelo casamento religioso.

Ir à igreja só porque é bonito, só porque dá pretexto para um lindo filme, só para fazer a vontade aos pais, só para enganar os vizinhos, não.

Sejam honestos. Que um passo tão importante na vida dos dois como este é, não seja alicerçado na hipocrisia, na mentira, no sacrilégio.

O casamento religioso deve ser muito bem preparado. E prepará-lo não é, apenas tratar dos papéis.

É de recomendar que os noivos, antes do casamento, frequentem um Curso de Preparação para o Matrimónio (CPM). Como é de recomendar que em todas as paróquias exista, bem organizado e a funcionar, o sector da pastoral familiar. Há que ler e reler a Encíclica «Familiaris Consortio» e pô-la em prática.

Antes do casamento, os noivos devem ler e reler o formulário do casamento. Por dois motivos. Primeiro, para que tomem consciência dos compromissos que vão assumir.

Perante testemunhas vão dizer solenemente um ao outro: Recebo-te e prometo ser-te fiel, amar-te, e honrar-te, tanto na prosperidade como na provação por toda a nossa vida.

Também solenemente e perante testemunhas vão declarar estar dispostos a receber amorosamente da mão de Deus os filhos e a educá-los segundo as leis de Cristo e da Sua Igreja.

Ainda solenemente e perante testemunhas, vão entregar um ao outro uma aliança, como sinal do seu amor e da sua fidelidade.

Porque os compromissos são para honrar, que antes de os assumirem um e outro pensem bem nas que se vão meter.

O outro motivo por que devem antes ler muito bem o formulário do casamento é o diálogo que, durante a cerimónia, vão travar com o sacerdote celebrante. Dão sinal de imaturidade os noivos que, nas suas respostas, dizem o que o padre lhes diz que digam, às vezes até deturpando-o porque, nervosos, não entenderam bem as palavras.

Preparada a cerimónia em casa, porque é que os noivos não há-de levar para a igreja um livrinho com o ritual do casamento e acompanhar por ele toda a celebração?

Os noivos podem consagrar a Nossa Senhora o lar que fundam. Mas isso deve surgir de uma decisão consciente e livre que ambos tomam e não ser usado como pretexto para, num gesto folclórico e teatral, ficar na fotografia a noiva a fingir que coloca o ramo junto da imagem da Mãe de Deus.

Escrevo «fingir» proposadamente. É que às vezes colocam lá o ramo mas depois mandam buscá-lo, para com ele tirarem fotografias com os convidados. Outras vezes o ramo que lá colocam não é o que levaram na mão, mas outro.

E quem pensa hoje que o ramo é o símbolo de uma virgindade que se soube manter? Quem pensa que pôr o ramo junto à imagem de Nossa Senhora é entregar-se à Mãe de Jesus sendo, como Ela, um instrumento dócil à vontade de Deus?

Dá-me pena assistir a casamentos em que nem os noivos nem os convidados sabem participar na Eucaristia. Em que ninguém responde. Em que o padre em que tem de dizer às pessoas quando devem estar sentadas, quando devem estar de joelhos, quando devem estar de pé.

A celebração do casamento deve ser cuidadosamente preparada com a

devida antecedência. Tal preparação inclui a escolha das leituras, a escolha das pessoas que as vão proclamar, a escolha ou a elaboração de um texto para a Oração Universal, a deliberação de comungar ou não sob as duas espécies, etc.

O casamento deve ser precedido, também da recepção do Sacramento da Reconciliação. Mas que se faça uma confissão bem preparada, com calma e com tempo, e não uma apresurada confissão minutos antes de se ir para a igreja.

Deve ser bem escolhido o dia, hora e lugar do casamento. Para que não haja improvisos nem pressa.

Em suma: o casamento é algo que se deve viver e não uma peça de teatro que se decide representar.

P. Silva Araújo

MAIO 19 — Narciso de Jesus Sampaio de Freitas, 20 anos, filho de Adriano da Silva Freitas e de Rosa dos Prazeres Sampaio da Rocha Pinto, de Alvarães, com Lúcia Moreira Ferreira, 22 anos, filha de Manuel de Almeida Ferreira e de Maria de Lurdes Alves Moreira, L. de Guilheta. Testemunhas: José António Carmo Silva e Aurora Almeida Ferreira da Silva.

JUNHO 16 — Jorge António Corte Real Meira, 23 anos, filho de Mário Alves Meira e de Marieta Torrinhos Corte Real, L. de Azevedo, com Maria Luisa da Costa Loureiro Bacelar, 24 anos, filha de Gonçalo Maria Loureiro Bacelar e de Lúcia de Jesus Sá da Costa, L. Guilheta. Testemunharam o enlace matrimonial: Luis José Loureiro Bacelar e Beatriz da Mota Leite e Silva Torrinhos Amaro.

AGOSTO 4 — António da Torre Pinheiral, 24 anos, filho de Fernando Regado Pinheiral e de Rosália Brás da Torre, Marinhãs, com Margarida Maria Azevedo Viana, 20 anos, filha de Manuel Azevedo Viana e de Cândida da Costa Azevedo, L. da Pereira. Testemunhas: Adélio Crespo de Sá e Maria Isabel da Costa Azevedo Viana de Sá.

AGOSTO 11 — Alberto Neves Caramalho, 23 anos, filho de António Gonçalves Caramalho e de Teresa do Menino Jesus Gonçalves Ribeira Neves, L. de Guilheta, com Maria Fernanda da Torre Lopes, 22 anos, filha de Fernando António Lopes e de Carolina Pereira da Torre, L. de Guilheta. Testemunhas: Eugénio de Sá Laranjeira e Maria Cândida da Torre Lopes Laranjeira.

AGOSTO 11 — Manuel Cassiano da Costa Dias, 21 anos, filho de Albino Santamarinha Dias e de Maria Laranjeira da Costa, L. do Monte, com Maria Isabel Vieira de Carvalho, 18 anos, filha de Manuel Joaquim Loureiro Pinto de Carvalho e de Irene Vieira Portas, L. do Monte. Padrinhos: Ramiro da Silva Arezes e Maria Isabel Gomes Moreira.

AGOSTO 11 — Eduardo da Cruz Rolo, 26 anos, filho de Augusto Alves Rolo e de Cândida Alves da Cruz, L. de Cima, com Matilde Alvarães Pereira, 23 anos, filha de David de Barros Pereira e de Maria Acilda Ferreira Alvarães, L. de Belinho. Padrinhos: Fernando de Barros Pereira e Maria Inês Gonçalves de Meira Torres.

AGOSTO 12 — Martinho Aze-

vedo de Meira Torres, 27 anos, filho de José Isfrio Eiras de Meira Torres e de Maria da Cruz Azevedo, L. de Belinho, com Teresa Maria Enes Brás, 22 anos, filha de Abílio Martins Brás e de Maria das Dores Gonçalves Enes, Marinhãs. Testemunharam o enlace Matrimonial Amândio Viana da Cruz e Maria Amélia Cruz.

AGOSTO 15 — Anselmo Costa da Cunha, 20 anos, filho de Domingos Viana da Cunha e de Maria Cândida Laranjeira da Costa, L. do Monte, com Margarida Maria Lapeiro Rolo, 23 anos, filha de Hilário Meira Rolo e de Amélia Pires Lapeiro, L. de Guilheta. Padrinhos: José Portela Martins Meira e Maria Alice Costa da Cunha.

AGOSTO 25 — Amadeu Martins de Sá, 24 anos, filho de Alexandrino Pereira de Sá e de Maria dos Anjos Martins Capitão, L. de Guilheta, com Margarida Maria Caseiro Baeta, 21 anos, filha de Manuel Barbosa Baeta e de Celina Sousa Caseiro, L. de Guilheta. Padrinhos: Avelino Ribeiro Caseiro e Maria Ribeiro Caseiro Meira.

AGOSTO 25 — Joaquim Carneiro Ribeiro, 26 anos, filho de Joaquim de Azevedo Ribeiro e de Maria Josefina Martins Pires Carneiro, Marinhãs, com Maria Arminda Ferreira Gomes, 20 anos, filha de Manuel Laranjeira Gomes e de Maria Arminda da Cruz Ferreira, L. de Belinho. Padrinhos: Cândido Laranjeira Gomes e Maria Irene Rodrigues Merrelho.

SETEMBRO 1 — Cassiano Rolo da Cunha, 21 anos, filho de Manuel Augusto Pereira da Cunha e de Maria Preciosa de Azevedo Rolo, L. Guilheta, com Otilia Margarida Gonçalves da Silva, 24 anos, filha de Augusto da Costa Pereira da Silva e de Deolinda Gonçalves, L. Guilheta. Padrinhos: Fernando Sapateiro e Maria Fátima Cunha.

FAMÍLIA: AMOR E VIDA

A família e a comunidade de amor: onde cada membro se sente compreendido, aceite e amado, e procura entender, aceitar e amar os outros.

A família é uma comunidade de vida, está aberta à vida. Nela, portanto, não se limita a excluir tudo o que ofende o surgir e o desenvolver-se da vida humana em sentido físico, mas também a evitar os actos que a degradam no seu valor moral, as faltas de respeito, as negligências sobretudo em relação aos membros anciãos ou doentes ou menos dotados.

O amor e a vida que florescem na família não se devem fechar no âmbito limitado da família mesma, mas devem difundir-se em opções concretas de serviço eclesial, cívico, social: a família está aberta ao serviço.

João Paulo II
19.Março.1987

LORDELO (Guimarães): Mário João Maia Laranjeira, 27 anos, filho de Domingos Pires Laranjeira e de Rosa Ferreira Maia, L. de Guilheta, com Maria Emília Ribeiro da Cunha, 26 anos, filha de Joaquim Ribeiro da Cunha e de Elvira Ribeiro da Cunha, a 19 de Agosto de 1990. Padrinhos: Moisés Ribeiro da Cunha e Maria Fernanda Maia Laranjeira.

CHAFÉ: José Augusto Rodrigues da Costa, 25 anos, filho de José Leitões da Costa e de Maria Rodrigues com Maria Rosália Pires da Costa, 21 anos.

BELINHO — 11 de Agosto — Manuel Augusto Ferreira Seara, 25 anos, filho de Domingos de Azevedo Seara e de Maria Irene Gonçalves Ferreira, residentes no L. de Belinho, com Lúcia de Jesus de Sá Alves, 17 anos, filha de Abílio da Silva Fernandes Alves e de Maria de Lurdes da Silva Sá, residentes na freguesia de Belinho. Padrinhos: José Laranjeira Cepa e Odete Ferreira Seara.

ESPOSENDE — 23 de Agosto — António Emílio da Cruz Viana, 30 anos, filho de António Rodrigues Meira Viana e de Emília da Cruz Viana, L. Monte, com Maria Elisabet Santos da Torre, 22 anos, filha de Augusto Pereira da Torre e de Arminda Fernandes dos Santos, L. Guilheta. Padrinhos: Manuel Almeida da Cruz e Amélia Soeiro.

FAO — 8 de Setembro/90 — José Augusto da Cruz Ferreira, 23 anos, filho de Manuel Augusto Neves Ferreira e de Irene Alves da Cruz com Maria Luisa Carreira Garfém, 28 anos, filha de José da Fonte Garfém e de Maria Rosária Afonso Carreira.

CASTELO DO NEIVA — Julho 29 — Manuel Dias Lapeiro, 22 anos, filho de José Rodrigues Lapeiro e de

Maria dos Santos Dias, L. Guilheta, com Maria Manuela de Sá Pereira, 18 anos, filha de Augusto Fagundes Pereira e Maria Odete de Sá Meira.

CASTELO DO NEIVA — Junho 2 — Manuel Augusto Rolo Pereira, 24 anos, filho de Manuel Pereira Ribeiro e de Hortelina da Costa Rolo, L. Monte, com Rosa Maria Dias Ferreira, 24 anos, filha de José Ferreira de Barros e de Marinha Dias de Sé.

FRANÇA — 23 de Junho — António José Cardante Morgado, 19 anos, filho de Luciano da Silva Morgado e de Maria Celina Laranjeira Cardante, com Maria Teresa.

FRANÇA — Junho — Daniel Laranjeira Pereira, 24 anos, filho de Manuel da Costa Gonçalves Pereira e de Carolina Meira Pires Laranjeira, com Sílvia, 24 anos.

FRANÇA (Malesherbes) — José Armindo Gonçalves Meira, 25 anos, filho de Agostinho Meira Alves e de Isaura Meira Crespo, com nubente de nacionalidade francesa, em Outubro p.f.

Parabéns! Felicidades! Futuro alegre e sorridente.

Contestação à construção da Barragem (Mini-Hídrica) no Rio Neiva

Na sequência do programa de inquérito público, relativo ao pedido de utilização de águas do Rio Neiva, no aproveitamento hidroeléctrico situado no local de Ponte de Anhel, apresentado por Raúl Ferreira, Sociedade Hidroeléctrica do Norte, com sede em Riba de Ave a fim de produzir energia eléctrica, cumpre-nos fazer as seguintes considerações:

1. O aproveitamento hidroeléctrico em questão, prevê a construção de um canal com 1.200 metros de comprimento, a instalar na margem esquerda do rio, que captará a água numa barragem, desviando-a do leito e descarregando-a, posteriormente, numa central.

2. Mesmo que nesse troço do rio, o caudal ecológico fosse garantido, tendo em conta o pequeno caudal do Rio Neiva, a percentagem de água que continuaria a passar seria diminuta, secando praticamente o leito, o que iria alterar a estabilidade biológica da zona.

3. A construção da Mini-Hídrica vai pôr em perigo os Moinhos do Follão, situados no percurso do rio que vai ficar sem água devido ao desvio do caudal. Apesar de, hoje em dia, não constituírem uma resposta económica às condições do mundo actual, devido ao sistema tecnológico, económico e social em que se integram, são uma reserva de valor patrimonial incalculável, intimamente ligados à identidade cultural das populações da região. Dos vinte moinhos existentes, dez ainda trabalham regularmente.

4. A construção da Barragem vai provocar uma alteração considerável nos ecossistemas. Consequentemente, as características físicas alterar-se-ão sucedendo o mesmo às características químicas e biológicas.

5. A população selvagem de peixes do Neiva é de grande importância quer sobre o ponto de vista biológico, quer do ponto de vista económico e social. Nele podemos encontrar a enguia e a truta marisca (migradores), o barbo, a boga, o escalo, a ruivaca e a truta fário (sedentários). Das espécies anfíbias são particularmente vulneráveis aquelas cuja reprodução ocorre no rio, dependendo nas primeiras fases de vida,

das condições aí existentes. A construção de uma barreira artificial, a modificação da corrente natural e a alteração das características da água, porá em causa esta riqueza piscícola, que traz ao Neiva milhares de pescadores de todo o Norte do País. A «escada de peixes», solução aventada pela empresa Raul Ferreira (no desenho do projecto não consta) para solucionar o problema da passagem dos peixes, não resultaria devido ao impacto ambiental produzido a montante e a jusante da barragem.

6. A construção da Barragem provocará na paisagem preexistente, um impacto violento, adulterando uma paisagem caracterizada pelas actividades seculares do homem e que, pelo sistema socio-cultural que criaram, se revela importante para a manutenção da diversidade paisagística e cultural.

7. A Barragem irá afectar terrenos agrícolas de grande fertilidade economicamente insubstituíveis para muitas famílias da região.

Face ao exposto, e atendendo a que o Neiva é um dos rios menos alterados pela acção do homem, de interesse etnográfico e paisagístico a preservar e com recursos piscícolas que urge defender e gerir numa perspectiva de desenvolvimento equilibrado, o RIO NEIVA — Associação de Defesa do Ambiente, entende que ele deve ser protegido na sua totalidade e mantido próximo do seu estado natural.

Considerando que a construção da barragem irá contra uma correcta política de ordenamento do território, por desprezar recursos naturais e patrimoniais de grande importância, impedindo mesmo que a sua valorização criativa traga benefícios acrescidos para as gentes da região, é parecer desta Associação, tendo em conta a Lei de Bases do Ambiente (lei n.º 11/87), o Dec. Lei n.º 93/90 (Reserva Ecológica Nacional), a Lei n.º 13/85 (Lei do Património), bem como a Legislação sobre a Defesa da Vida Selvagem, que deve ser inviabilizado o pedido de utilização das águas do Neiva para o fim em questão.

Antas, 20 de Julho de 1990

A DIRECÇÃO

COMUNHÃO SOLENE

Foi num ambiente solene e acolhedor que no passado 15 de Agosto, trinta e dois adolescentes da nossa comunidade soltaram o «sim creio», vigoroso e sublime que testemunhava a fé, destes frescos espíritos, em Jesus Cristo. Que estes rostos irradiem sempre a Sua presença e a luminosidade que transparecem se reflita noutros mais ofuscados.



— Maria Isabel de Barros Montelero.
Filiação: Serafim Rodrigues Monteiro e Maria Natália de Barros Gonçalves.
Nascimento: 08/01/78.
Lugar da Estrada.

— Nuno Pereira Ferreira.
Filiação: António da Cruz Pereira e Maria Irene Gonçalves Pereira.
Nascimento: 25/02/78.
Lugar de Belinho.



— Bruno Miguel Saleiro Torres.
Filiação: Martinho Viana Meira Torres e Helena da Cruz Saleiro.
Nascimento: 02/07/78.
Lugar de Belinho.



— Filipe da Cruz Sá.
Filiação: Mário Azevedo de Sá e Lucília Viana da Cruz.
Nascimento: 11/11/78.
Lugar do Monte.



— Sara Carla Moreira Gonçalves.
Filiação: Manuel da Cruz Gonçalves e Maria de Fátima Carmalho Moreira.
Nascimento: 06/10/77.
Lugar de Guilheta.



— Cidália Maria dos Santos Silva.
Filiação: José Joaquim Faria Silva e Carolina Queirós dos Santos.
Nascimento: 04/08/78.
Lugar da Pereira.

— Paulo Jorge de Sá Araújo.
Filiação: David Dias Araújo e Maria Lapeiro de Sá Araújo.
Nascimento: 09/09/76.
Rua dos Pelomes, Covilhã.



— Roberto Carlos da Costa Correla.
Filiação: Carlos Alberto Correia Vieira e Filomena da Costa Guia.
Nascimento: 27/02/78.
Lugar do Monte.



— Tânia Filipa Cunha de Sousa.
Filiação: Carlos Alberto Sousa Ribeiro e Maria Helena Cunha Laranjeira.
Nascimento: 21/11/78.
Lugar do Monte.

— Cândida de Sá Araújo.
Filiação: David Dias Araújo e Maria Lapeiro de Sá Araújo.
Nascimento: 18/09/77.
Rua dos Pelomes, Covilhã.



— Maria Manuela da Torre Vitorino.
Filiação: Manuel Vitorino Vieira e Maria Lúcia da Torre Rolo.
Nascimento: 12/11/78.
Lugar da Guilheta.



— Ricardo Laranjeira Ribeiro.
Filiação: Manuel Gonçalves Ribeiro e Maria Vitória da Cunha Laranjeira.
Nascimento: 23/02/79.
Lugar do Monte.



— Sandra Manuela Neiva.
Filiação: José Fernando Queirós e Maria de Lurdes Faria Neiva.
Nascimento: 18/1/78.

— Sérgio Neiva da Cruz.
Filiação: Mário Azevedo Cruz e Maria Flora Azevedo Neiva.
Nascimento: 14/04/78.
Lugar da Pereira.



— Ana Paula Laranjeira Alves.
Filiação: António Viana Alves e Valentina Meira Laranjeira.
Nascimento: 21/07/77.

— Jorge Vitorino Laranjeira.
Filiação: Manuel Joaquim Azevedo Laranjeira e Maria dos Anjos Matos Vitorino.
Nascimento: 28/09/77.
Lugar da Guilheta.



— Susana Rolo Varajão.
Filiação: José Martins Varajão e Maria de Lurdes Matos Rolo.
Nascimento: 18/05/77.
Lugar da Guilheta.

— Armando Manuel da Costa Azevedo.
Filiação: Manuel Azevedo Viana e Cândida da Costa Azevedo.
Nascimento: 04/01/78.
Lugar da Pereira.



— Miguel Novo Teixeira.
Filiação: António Teixeira e Josefina Novo.
Nascimento: 24/03/78.
Lugar do Monte.

— Miguel Nuno Penteado Dias.
Filiação: Manuel Dias Costa e Maria Helena Martins Penteado.
Nascimento: 25/03/77.
Lugar da Guilheta.



— João Pedro Carvalho de Sousa.
Filiação: Manuel Rodrigues de Sousa e Maria Emília Teixeira de Carvalho.
Nascimento: 02/08/77.
Lugar da Estrada.

— Orlando Gregório de Almeida.
Filiação: Carlos Alberto da Cruz Almeida e Maria Faria de Gregório.
Nascimento: 20/04/77.
Lugar da Guilheta.



— Óscar Miguel Viana.
Filiação: José da Cruz Rolo Viana e Maria Cândida Viana Laranjeira.
Nascimento: 28/10/78.
Lugar de Guilheta.

— Sílvia Barros do Vale.
Filiação: António Vale da Cunha e Rosa M. de Barros Gonçalves.
Nascimento: 27/11/78.
Lugar da Estrada.



— Rui Manuel Viana da Cruz Miranda.
Filiação: Domingos da Cruz Miranda e Ana Maria Viana da Cruz.
Nascimento: 20/05/78.
Lugar de Azevedo.



— Paulo Rafael Martins de Sá.
Filiação: Alexandrino Pereira de Sá e Maria dos Anjos Martins Capitão.
Nascimento: 17/11/77.
Lugar de Guilheta.



— Rui Miguel Torres Morgado.
Filiação: Laurentino da Costa Morgado e Amélia Vieira Torres Morgado.
Nascimento: 12/07/78.
Lugar do Monte.

— Cláudia Marisa da Cunha Enes.
Filiação: Américo Gonçalves Enes e Maria Noémia da Cunha.
Nascimento: 22/10/78.
Lugar de Belinho.



— Joana Sofia Azevedo Lima de Matos.
Filiação: Joaquim Augusto Lima de Matos e Maria Acilda da Cruz Azevedo Matos.
Nascimento: 06/12/77.
Lugar da Pereira.

— Sérgio Filipe da Cruz Torres Neiva.
Filiação: Avelino de Almeida Torres Neiva e Maria Alves Meira da Cruz.
Nascimento: 11/08/78.
Lugar do Monte.



PEREGRINAÇÃO À TERRA SANTA

que não existe um estado judeu independente, desde a conquista dos Assírios em 722 a.C. Após a Diáspora (destruição e dispersão dos judeus após a revolta dos judeus contra os romanos 70-73 e 132-135 d.C.), estiveram 18 séculos no exílio, sendo o território conquistado pelos muçulmanos, otomanos e pelos Britânicos na I Guerra Mundial. O conflito continuou: Egipto, Jordânia, Líbano, Síria e Iraque e mais tarde a OLP de Yasser Arafat.

Cerca de 30% dos israelitas vivem em cidades.

Comparado com Portugal, Israel ocupa apenas 1/4 do território, menos de metade da população mas com um rendimento anual per capita mais que o dobro de Portugal.

A caminho da Terra Santa

05.00 h. — Partida de Antas, num autocarro da Tor Tours, com destino ao aeroporto da Portela, em Lisboa. Após as formalidades de embarque, o Boeing 757 da EL AL aguardava-nos, com saída para as 15.20 h. no voo Ly 392 com destino a Tel Aviv, ao aeroporto de Ben Gurion.

As expectativas, os sobressaltos e alvoroços interiores manifestavam-se, quando, quase imperceptivelmente, nos encontramos «por cima dos homens e de baixo de Deus» a vislumbrar uma magnífica paisagem ao longo do Mediterrâneo (Toledo, Valencia, Palma de Maiorca, Córcega, Roma, Atenas), que espreitávamos pelo postigo.

Enfim, chegados a Ben Gurion, cerca das 22.00 h. locais (20.30 h. de Lisboa), após cinco horas de voo, o guia esperava-nos, com ordem para nos conduzir ao hotel Avia onde ficamos alojados.

Dia pitoresco

De manhã, após tomarmos o pequeno almoço no hotel, saímos de Tel Aviv, a segunda cidade do estado de Israel (e antiga capital — até 1950), e importante centro económico, cultural e social, pela zona de Iaffa (Yaffo), integrada em Tel Aviv em 1950. Um passeio matinal pelo bairro dos artistas, na cidade velha onde se encontram algumas evocações bíblicas.

Chegados a Cesareia, onde o apóstolo S. Paulo baptizou o centurião romano Cornélio e onde esteve preso (57-59), visitamos um teatro romano reconstruído.

Na nossa viagem, continuamos em direcção ao Monte Carmelo (Karem El = vinhedos de Deus), cenário de conflitos entre o monoteísmo e o paganismo, onde o profeta Elias derrotou os sacerdotes de Ba'al (1 Reis 18) e se refugiou, perseguido pelo rei Achab (1 Reis 19,8-13), partindo para o céu num carro de fogo. Aqui, no convento Stela Maria, na gruta de Elias, celebramos a Eucaristia.

Do monte Carmelo contemplamos a esplêndida panorâmica da cidade de Haifa. A 85 km de Tel Aviv é a terceira cidade de Israel com o porto de mar mais importante. É a principal cidade da seita religiosa Bahai, a quarta religião de Israel.

Seguimos para o restaurante que não deixou de nos surpreender.

Conduzidos a S. João de Acre (AKKO), a 13 km a norte de Haifa, visitamos o porto comercial do tempo dos fenícios (séc. IX a.C.), conhecido por Ptolemais no Antigo Testamento. Passamos pelas ruínas da cidade subterrânea dos cruzados de Esdrelon do séc. XIII, pela cripta dos cavaleiros de S. João que ocuparam a cidade entre 1191 e 1291, pelo hotel dos colonos dos Otomanos e junto à mesquita Jazzer Pasha, que, segundo a tradição, contém três pêlos da barba de Maomé.

Seguimos, ao fim do dia, para Tiberíades, para o hotel Gabil, onde ficamos alojados.

«Tu que nas margens do lago»...

Tiberíades, a 50 km a leste de Haifa, 207 m abaixo do nível do mar, na margem ocidental do mar da Galileia, foi fundada por Herodes Antipas, no ano 26 d.C., em honra do imperador romano Tiberius. Palco da vida pública de Jesus (chama os apóstolos, Mt. 4, 18-20; prega da barca de Pedro, Mc. 3,7-12; calma tempestades, Mt. 8, 23-27; caminha sobre as ondas, Mt. 14, 22-33) é uma das regiões por Ele preferidas.

É também uma cidade santa para os judeus que aqui se fixaram após a revolução de Bar-Kojvá, sendo expulsos de Jerusalém por Adriano. Centro cultural, religioso e intelectual dos judeus, aqui foi compilada a Mishná (200 d.C.) e completado o Talmude de Jerusalém (séc. IV).

A noite, as ruas iluminadas, um movimento intenso, inúmeros bares, esplanadas e diversões tornou propício um passeio nocturno, que alguns não dispensaram, e até, um passeio de carrocel pelas ruas da cidade.

Amanheceu. Deixamos Tiberíades em direcção a Cafarnaum (Kefar Nahum). Cida-

de próspera no tempo de Jesus, onde se fixou e ensinou na sinagoga, aqui encontramos ruínas de uma sinagoga do séc. III, construída em cima da sinagoga do seu tempo e a Casa de S. Pedro, onde actualmente estão a construir uma igreja em forma de barco.

Acima de Cafarnaum, (a 31 m de altitude), ergue-se, no monte das Beatitudes (Bem-Aventuranças), uma igreja franciscana do séc. XIII. Aqui, Jesus pregou o sermão da Montanha (Mt. 5), onde o efeito acústico dos montes permitia que toda a multidão O escutasse.

No local da multiplicação dos pães e dos peixes (Mt. 14, 13-21), edificou-se uma igreja em 1934 sobre as ruínas de uma igreja bizantina descoberta em 1932, cujos mosaicos são os mais preciosos e conservados de Israel e que representam um ceito com pães e peixes. Este local, é conhecido por Tabgha (heptapégón do grego) que significa sete fontes.

A 200 m. de distância, encontra-se a igreja do Primado, construída em 1934, sobre uma rocha conhecida por «Mensa Christi» — a Mesa de Cristo. Segundo a Tradição, foi aqui que Jesus confiou a chefia da Igreja a Pedro. De Cafarnaum, percorremos o mar da Galileia de barco até ao restaurante, onde almoçamos. Almoçados, alguns divertiram-se nos «escorregas» da piscina que ladeia o restaurante, junto ao lago.

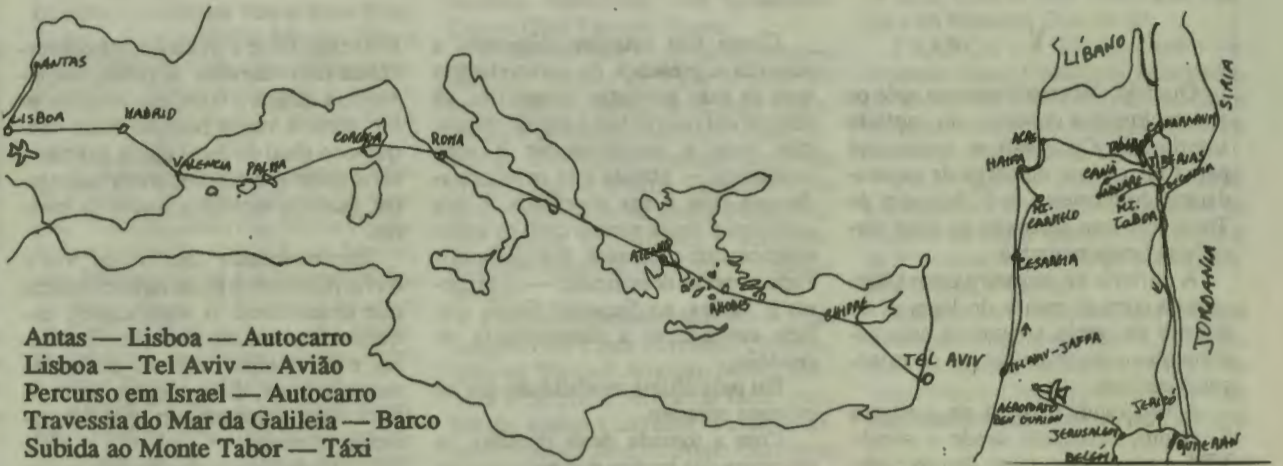
Seguimos para o rio Jordão, a cerca de 40 km acima do local tradicional do baptismo de Jesus, pois este local situa-se na fronteira com a Jordânia e por questões de segurança não se pode visitar.

A caminho de Nazaré, a 7 km., parámos em Caná (Kafir Kanna), onde se realizou o primeiro milagre de Jesus. Nazaré, era então mal vista, e sofreu várias destruições. Hoje, podemos ver uma das mais belas basílicas cristãs do Médio Oriente, construída entre 1960-68 pelo arquitecto italiano Muzio e que engloba a gruta da Anunciação, onde foi celebrada a Eucaristia, a casa de Maria e duas igrejas antigas, uma bizantina e outra do tempo dos cruzados. O interior da Basílica da Anunciação está decorado com painéis de mosaico, alusivos a Maria, de todo o mundo, entre os quais de Portugal. A poucos metros ao lado, situa-se a Carpintaria de S. José.

Ao cair da tarde, regressamos novamente ao hotel Galil, em Tiberíades.

Pelo deserto...

Abandonamos o hotel Galil, para iniciarmos o terceiro dia de estadia em Israel. A subida, de táxi, ao Monte Tabor (Mar). A 10



Antas — Lisboa — Autocarro
Lisboa — Tel Aviv — Avião
Percurso em Israel — Autocarro
Travessia do Mar da Galileia — Barco
Subida ao Monte Tabor — Táxi

km. a leste de Nazaré, com 588 m. de altura, isolado das montanhas da Galileia, o monte Tabor domina a planície de Masdrelon ou vale de Jezrael. É um lugar santo para os judeus, pois neste sítio, Débora entoou o seu canto de guerra na vitória de Barak contra a Síscara.

No cume do monte, ergue-se a Basílica da Transfiguração, construída em 1924 pelos irmãos Berluzzi, no local, segundo a tradição, onde se verificou o milagre da transfiguração, em que o rosto de Cristo «resplandecia como o sol e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz» (Mt. 17,2). Celebramos a Eucaristia.

Atravessada da planície verdejante, penetramos no deserto da Samaria, ao longo do rio Jordão e da cerca que limita a fronteira com a Jordânia até ao oásis de Jericó.

Jericó, a 22 km a nordeste de Jerusalém, a 251 m abaixo do nível do mar, possui as ruínas da cidade mais antiga do mundo (10 mil anos). Ao longe, na encosta do monte, avista-se o morro das tentações e o mosteiro Karental. Após o almoço, passamos junto ao Cicómoro onde, segundo a tradição, Zaqueu subiu para ver passar Jesus. Seguimos junto ao mar Morto, até às ruínas de Qumrau, a comunidade de Escenas, onde foram encontrados os manuscritos do mar Morto de há 2.000 anos.

O mar Morto com uma extensão de 11 km por 70 km, com um índice de salinidade 30% mais elevado que os outros mares, e em consequência, sem qualquer forma de vida vegetal ou animal, a 392 m abaixo do nível do mar. Dado o seu índice de salinidade, as pessoas mantêm-se na água sem que para isso façam

qualquer esforço. A água é quente, no fundo a lama, que dizem ter propriedades medicinais, torna-se motivo de um bom banho e divertido, que não dispensa os chuveiros de água doce. As peripécias sempre acontecem oferecendo estas praias momentos de divertimentos agradáveis.

Depois do banho «salgado», percorremos o deserto da judeia em direcção a Jerusalém. Durante o trajeto pelo deserto, parámos na estalagem do Bom Samaritano e estivemos numa tenda dos Beduínos. Os beduínos vivem no deserto, e pelo que nos disseram gostam da maneira como vivem. Em tendas, nas encostas dos montes, têm rebanhos a «pastar» nas colinas do deserto (?); quando recebem visitas, durante três dias não lhes podem fazer perguntas e oferecem-lhes o melhor que eles têm; apesar da lei que conferiu estatuto às mulheres igual ao dos homens, para este povo, a mulher é que cozinha, vai com os rebanhos, faz as colheitas, enquanto o homem tem a «difícil» tarefa de decidir o que se vai fazer. Um povo singular.

Jerusalém aproxima-se.

«Que alegria quando me disseram...»

Às tuas portas Jerusalém, como cidade bem construída, para ti sobe a nossa tribo, que alegria quando me disseram... eram as palavras e os sentimentos que as pessoas exprimiam.

Chegamos ao hotel Shalom onde iremos ficar os restantes dias.

Jerusalém (em árabe El Ques Esh Sherif), é a capital de Israel desde 1950. Cidade santa para os cristãos, judeus e muçulmanos, uma cidade de conflitos (situada mais de 50 vezes, destruída mais de 10 e conquistada 36 vezes), que ainda hoje vive numa aparente calma.

Pela manhã, partimos para o monte das Oliveiras, situado a oriente de Jerusalém. No alto do monte foi construída uma igreja bizantina no séc. IV, destruída em 614 e novamente reconstruída pelos cruzados no séc. XII, onde se vê uma pedra que Cristo pisou pela última vez, antes de subir ao Céu, deixando o sinal do seu pé. É a capela da Ascensão. Este lugar tem uma vista sobre toda a cidade velha de Jerusalém. Defronte, ergue-se a porta do Sol, e frente a esta um cemitério centenário dos judeus. Eles acreditam que o Messias vai entrar por essa porta, sendo os judeus mais importantes sepultados à frente e voltados para a porta, para serem os primeiros a ressuscitar. A sepultura é individual, não pode ser aberta sendo considerada uma profanação do corpo. No funeral, ninguém pode cumprimentar os familiares do defunto, senão terá de voltar atrás, e sempre que alguém faz uma visita à sepultura deposita uma pedra em cima.

No monte das Oliveiras, ainda existe a gruta do Pai-Nosso, onde Jesus ensinou aos apóstolos a oração universal, a igreja da Agonia ou igreja das Nações, construída com fundos de 16 países, e em frente ao altar do resto de uma rocha onde Cristo se ajoelhou durante a agonia. Ao lado, uma árvore muito antiga, que a tradição diz ser onde estavam, recolhidos os discípulos, e a gruta de Getsemani.

No vale de Cédron, abaixo do monte, segundo a tradição, foi sepultada a Virgem Maria e aqui foi elevada ao céu. Ergue-se neste local uma igreja ortodoxa que, em traços largos, se caracteriza pela ausência de imagens, apenas quadros (íconas), pelo cheiro a incenso e escuridão no seu interior.

Subimos para o monte Moriah, que é venerado pelas três religiões. É o terceiro lugar sagrado para os muçulmanos, seguido de Meca e Medina. A tradição identifica este lugar, aquele em que Abraão quis sacrificar Isac (Gen. 21, 1-22) e foi aqui que David construiu o primeiro templo.

Entramos na mesquita El-Agsa e na mesquita do Rochedo. Esta mesquita, contém uma rocha, debaixo de uma cúpula de 30 m de altura, onde, segundo a tradição, se verificou o sacrifício de Isac, em que os muçulmanos dizem ser a rocha de onde Maomé foi elevado ao céu. Uma mesquita belíssima, de traços

bizantinos mas com ornamentação oriental, conhecemos um pouco as formas, fé e maneiras de rezar muçulmanas.

O muro Ocidental ou Muro das Lamentações é a única relíquia do antigo templo e é o lugar mais venerado pelos judeus.

Conta uma lenda que Tito deixou intacta esta parte do muro para mostrar o valor e a força dos soldados romanos, capazes de destruir o grandioso templo. Os judeus lamentam a destruição do templo Sagrado e a dispersão do seu povo, daí o nome de «Muro das Lamentações». Também no muro se pode colocar um papel com um desejo escrito, que eles creem lhes será satisfeito. Aqui, a convicção dos judeus, a fé, surpreende-nos.

Após a experiência deste cenário ardentemente religioso, almoçamos num restaurante da cidade.

Antes de subirmos o monte Sião, apreciamos uma das formas de vida sócio-económicas de Israel, o Kibbutz. O monte Sião eleva-se no extremo sudoeste da antiga cidade. Encontramos aqui, o túmulo de David, o segundo lugar mais venerado pelos judeus; o Cenáculo, onde Jesus celebrou a última ceia (Lc. 22, 7-13) e apareceu duas vezes aos discípulos depois da ressurreição e receberam, o Espírito Santo (Lc. 2, 1-4); a Basílica da Dormição onde morreu a Virgem Maria, estando a sua efígie em pedra no leito de morte, na cripta. Aqui, celebramos a Eucaristia, regressando depois ao hotel.

Do nascimento à «eternidade»

No dia seguinte, partimos para Belém, a 9 km a sul de Jerusalém, uma pequena cidade numa colina rochosa. Ergue-se, na terra natal de Jesus, uma Basílica (da Natividade), semelhante a uma fortaleza. Entra-se por uma porta muito pequena (que impedia que os profanadores entrassem a cavalo) e debaixo do altar mor entregue aos ortodoxos gregos, encontra-se a gruta da Natividade. Com duas pequenas entradas e iluminada por dezenas de candelabros, no chão está uma estrela em prata com a inscrição «Hic de Virgine Maria Jesus Christus natus est», assinala o lugar do nascimento.

Ao lado desta Basílica, foi construída uma igreja católica que dá acesso à gruta de S. Jerónimo, onde celebramos a Eucaristia, recordando o nascimento do Menino Jesus.

Junto de uma maquete da cidade de Jerusalém, constatamos a beleza e enormidade, ao longo das várias épocas, bem como a sua longa história.

À tarde, visitamos o museu do holocausto (Yad Vashem). A atenção recai no admirável, inebriante e nostálgico quarto das crianças: uma sala escura, espelhos que projectam a luz de uma vela em todas as direcções e se perde no horizonte. A finitude perante o infinito, qual pequenez a contemplar o Além. Soberbo. Com música de fundo imponente e triste são pronunciados os nomes, idades e origens de cerca de 1 milhão de crianças vítimas da II Guerra Mundial. A sensação de eternidade, paz e inquietação foi tão grande, que depois de visitarmos todo o museu regressamos novamente ao quarto das crianças. À entrada do quarto, encontra-se uma lápide tumular branca e partida, símbolo da pureza das crianças e do «corte» nas suas vidas.

Na alameda dos justos observamos as inúmeras pessoas que ajudaram os judeus a fugir das garras do nazismo. Cada um deles plantou uma árvore na alameda e junto à árvore tem uma placa com o seu nome. O restante museu é composto essencialmente por fotografias e alguns objectos que demonstram o surgimento, crescimento e horrores do nazismo. O quarto do fogo eterno é em memória dos cerca de 6 milhões de judeus vítimas do nazismo.

Saímos, então, em direcção a Ein Karim, onde visitamos o santuário da Visitação e de S. Baptista. Ao fim da tarde, regressamos ao hotel Shalom.



33 rostos alegres na Jerusalém «celeste»

TESTEMUNHO

Quem se dispõe a visitar a Terra Santa fá-lo não tanto para ver mas sobretudo para viver.

Com efeito, ao vermos-nos nos locais que foram «palco» e testemunhas dos mais variados acontecimentos bíblicos, nós somos instintivamente levados a fechar os olhos do corpo e a abrir os da alma para vivermos intensamente os factos cujo significado e valor espiritual a distância espacial, por vezes, ofusca.

Não é essencialmente a beleza física dos lugares visitados que justifica tão bela viagem. Eles têm outras belezas bem mais atraentes e captantes que, porque indescritíveis, só a alma é capaz de sentir e apreciar.

Ao pisarmos a Terra que o próprio Cristo pisou e ao admirarmos cada uma das igrejas que testemunham, segundo a tradição, o local preciso ou aproximado onde se desenvolveram os mais significativos passos de Jesus e Maria, os quais nos são mencionados, vezes sem conta, ao longo da nossa constante formação religiosa ou mesmo histórica, a alma dá-nos como que um estremeção, livrando-nos de tudo o que é terreno e material.

Aí, concentrados, temos a impressão de estarmos mais juntos do Divino e de sentirmos mais intensa a força que nos une ao Além. Aí, sentimos-nos reduzidos àquilo que verdadeiramente somos.

Um peregrino da Terra Santa

PINCELADAS SOBRE O MORGADIO DA PORTELA DE BELINHO

OS ROCHAS — SUA ORIGEM E CARÁCTER

V

Quando, decorrido um ano após os acontecimentos descritos no capítulo anterior, D. Cristóvão se apresentou para tomar posse do cargo de comendatário do mosteiro de S. Salvador da Torre com uma recepção de cariz verdadeiramente negativo.

A portaria do mosteiro estava bloqueada com as pedras do lagar e, no interior da igreja, encontrou uma autêntica exposição de berços de crianças e sarilhos.

A veneranda imagem do patriarca S. Bento, habituada desde o século VIII, a presenciar, tanto dentro como fora do seu convento, as mais variadas e irreverentes tropelias, os nefandos sacrilégios operados pelas hostes mouriscas que, em menos de três séculos, duas vezes o tomaram, profanaram e destruíram, certamente nunca assistiu a um espectáculo tão insólito e caricato como o que os seus frades apresentaram a D. Cristóvão de Almeida, com o fito de lhe avivarem na memória os seus (dele), erros, patenteados-lhe que a antipatia que a comunidade lhe votava tinha origem na sua reprovável conduta.

Não obstante o ambiente desfavorável, o novo comendatário assumiu as funções, uma vez que a palavra de rei era irrevogável.

Inconformados, tanto os Rochas como os frades, não ficaram quedos e, às já citadas picardias, sucederam-se ameaças, seguidas de ataques à mão armada.

Os factos estavam a tomar tais proporções que D. Cristóvão decidiu queixar-se a D. Manuel, tendo este monarca ordenado que se tomassem as providências que tais abusos exigiam.

O Fronteiro-mor da Província, que na circunstância era o Duque de Bragança, recebeu ordens para prestar auxílio ao comendatário. Para o efeito partiu de Barcelos um destacamento armado, incumbido de, em Viana ou Meixedo, prender os prevaricadores.

A transpiração de uma confidência alertou os Rochas que não perderam tempo a organizar a sua defesa, solicitando para isso a ajuda dos seus antigos aliados, os Pereiras¹.

Reuniram as forças de que dispunham junto do embarcadouro² da margem oposta, na tentativa de impedir a todo o custo que o destacamento brigantino os fosse inquietar nos seus próprios domínios.

O comandante do pequeno troço militar que esperava surpreendê-los e capturá-los nas suas vivendas, «caiu das nuvens» ao deparar com a emboscada. Teve, contudo, o bom senso de se não deixar envolver na armadilha, evitando assim o inútil massacre da pequena hoste que lhe fora confiada.

Cabisbaixo, desalentado, retrocedeu à base de procedência para dar conhecimento dos factos a quem de direito.

As fontes de onde foram extraídos estes elementos, são omissas no que respeita aos trâmites seguidos para sanar a contenda. Sabe-se no entanto, que os opulentos Rochas, então senhores de muitas terras, da casa da rua da Bandeira, do solar de Meixedo, Deocriste e Portela, se sentiram profundamente feridos no seu amor próprio, extremamente humilhados ao sofrerem este revés que lhes tirou toda a vontade de continuar a brincar com o fogo. Terem de refrear a sua animosidade e curvar a cerviz perante o triunfo do adversário, era, para pessoas do seu quilate, um vexame inqualificável.

Quanto aos frades, em especial aqueles que mais directamente se imiscuiram na oposição, o dilema que se lhes apresentava era também muito delicado.

Como não estavam dispostos a suportar a presença do comendatário nem as suas previstas represálias, só tinham dois caminhos a seguir: renunciar pura e simplesmente à vida monástica — atitude que se não coadunava com a sua dignidade, o seu carácter, e ainda menos com os votos solenemente professos, dos quais só o Papa os podia desvincular — ou recorrer a Tibães, ao Superior Geral, que lhes concedesse a transferência de cenóbio.

Foi pela última modalidade que os monges optaram.

Com a tomada desta decisão, os efectivos dos irmãos que povoavam o mosteiro de S. Salvador da Torre, sofreram considerável redução, circunstância que o comendatário aproveitou, estribando-se no conhecido aforismo, «a ordem é rica e os frades são poucos», para, perdulariamente, esbanjar os vultuosos rendimentos da comunidade em proveito próprio, descurando completamente as mais elementares, prementes e justas necessidades dos religiosos.

Enquanto D. Cristóvão se comprazia em bacanais estúrdias, devassas orgias e pantagruélicas comesainas, os monges, mercê da má alimentação a que forçados foram submetidos, atingidos pela idade, acometidos por doenças e reduzidos em número, deixaram de ter forças para amansar convenientemente as terras aráveis da cerca, as quais, à medida que iam produzindo cada vez menos, logicamente, aumentavam cada vez mais a penúria dos frades.

Esta decadência, porém, não atingiu só os religiosos.

Aos pobres que pela volta do meio dia batiam à porta do mosteiro, foi suspensa a quotidiana esmola de uma tigela de caldo e um naco de pão centeio, pois o milho, que viria a constituir a base da alimentação do povo do norte do país, era ainda desconhecido e, só a partir dessa data, a sua cultura começou a ser ensaiada, precisamente nos mosteiros beneditinos, os quais funcionavam como autênticas escolas agrícolas³, transmitindo aos lavradores das redondezas as suas experiências e conhecimentos adquiridos e acumulados ao longo dos anos.

Conta-se, a propósito da suspensão das esmolas no convento, que um moço de cego, depois de uma longa e demorada deambulação por terras do Alto Minho e parte da Galiza, servindo de guia e arrimo ao seu invisual acompanhante e com ele compartilhando das agruras das caminhadas e do produto das esmolas, desconhecendo a crítica situação económica da comunidade de S. Salvador, bateu à porta, confiante como sempre.

Aos cegos, que raramente apareciam e pelo facto de serem portadores de uma grande infelicidade, nunca se lhes negava a esmola. Eram geralmente bem recebidos por toda a gente e acarinhados nos mosteiros por serem transmissores de mensagens, trocadas entre os vários estabelecimentos da mesma Ordem e não só.

No mosteiro de S. Salvador eram recebidos na varanda voltada ao Norte, onde lhes era servida a normal refeição comunitária do dia, quase sempre na companhia do Padre-Mestre, interessado em saber o que se passava no mundo que o cercava.

Desta vez, porém, as coisas correram de uma forma muito diferente.

Um dos irmãos veio atender e ao verificar de quem se tratava ficou um pouco embaraçado, esboçando desconfiantes desculpas, justificativas das forçadas atitudes que foram obrigados a tomar.

— Era-lhes impossível atendê-los pois a miséria tinha-se instalado no

convento, disse o fradinho, ora contorcendo nervosamente as mãos, ora levando a direita à boca, que a miúde se lhe abria e cujos bocejos eram inequívoco sinal da fome que o atormentava, fome que ele procurava esconjurar, fazendo repetidas cruces na mesma.

Impressionado com o que via e ouvia (das cruces feitas na boca parece que desconhecia o significado), enquanto desciam em direcção a Lanheses e o cenobita fechava paulatinamente a porta, disse o moço do cego para o seu companheiro, que infelizmente só ouvia:

— Coitadinhos dos frades, a que estado de fraqueza chegaram que já nem forças têm para fazer o Sinal da Cruz completo!

Nada, absolutamente nada, justificava as abusivas e arbitrarias carências a que o comendatário submeteu os indefesos monges.

S. Bento de Núrca, ao fundar no século VI a sua Ordem, a expansiva Ordem de S. Bento, impôs aos seus seguidores uma vida repleta de austeros preceitos e rígida disciplina. Todavia, dos 73 capítulos que compõem a Regra Beneditina, nenhum prescreve o jejum. S. Bento considerava a OCIOSIDADE como a grande inimiga da alma e, para combater esse malefício, procurou inculcar nos monges um grande amor pelo trabalho.

O grande lema da Ordem era constituído por uma pequena frase latina — ORA ET LABORA — que significa Reza e Trabalha.

De facto, as árduas lides agrícolas, às quais a maior parte da comunidade se dedicava, desde o desbravamento e irrigação das terras, secagem de pântanos por meio de drenagens, perfuração de poços e minas, bem como o quotidiano amanho das mesmas terras, era incompatível com jejuns.

A outra parte da comunidade, a menos numerosa mas não menos laboriosa, a dos letrados e tonsurados, além de celebrarem os actos do culto, missas, sermões e ofícios de sufrágio, dedicava-se a leccionar nas escolas conventuais, únicas existentes durante muitos séculos, a fazer a escrita conventual e a registar os acontecimentos de maior vulto ocorridos no seu tempo e a copiar e a traduzir autores antigos, tanto profanos como religiosos.

Após a fundação das Universidades na Europa, os seus primitivos professores eram, e foram durante muito tempo, graças à sua erudição, membros de ordens monásticas.

¹ e ² Estas notas, referentes aos Pereiras e embarcadouro do Lima, quer uma quer outra, devido à sua extensão, constituem matéria para um capítulo, pelo que só serão inseridas no número seguinte, motivo pelo qual peço desculpas.

³ Ainda hoje, os terrenos que constituem a cerca do convento beneditino de Santo Tirso, se prestam para contínuos ensaios, levados a cabo pelos técnicos especializados, na Escola Prática de Agricultura Conde de S. Bento, ali instalada e com elevada frequência de alunos.

Mais recente, e julgo que noutros moldes, também o igualmente convento beneditino de Refóios do Lima, se presta a fins semelhantes.

Manuel Belino

As populações do Vale do Neiva

— Você sabe o que é uma MINI-HÍDRICA?

— Você sabe que querem construir uma no nosso rio Neiva?

As Mini-Hídricas são pequenas barragens exploradas por empresas particulares que vendem a energia à EDP a preços baixos.

Uma Mini-Hídrica dá lucros fabulosos às empresas exploradoras, pois estas gastam na sua construção mais ou menos 700 mil contos, e segundo estudos das Energias Hidroeléctricas, estas empresas têm um lucro anual entre 150 a 170 mil contos.

Vem isto a propósito de que a empresa Raúl Ferreira — Sociedade Hidroeléctrica do Norte, pretende construir uma Mini-Hídrica na parte mais rica em património natural e construído do rio Neiva que é a famosa zona dos Moínhos de Panque.

Todos devemos ter consciência de que é preciso defender o nosso límpido e poético rio Neiva das investidas de industriais menos escrupulosos, da poluição e não permitir a destruição do seu ecossistema.

No rio Neiva, rio de caudal reduzido irá ser construído (se nós deixarmos, claro!) um monstro de cimento armado que destruirá toda a paisagem, fauna e flora que o rodeia. Se esta barragem chegar a ser construída, terá que ter no mínimo 15 metros de altura de betão armado (e não 2,5 m. como refere o projecto; querem enganar quem?) que destruirá todo o ecossistema, pois haverá alterações morfológicas, obstrução completa da passagem e desova das espécies piscícolas; afogará para sempre os campos com aptidões agrícolas; afogará para sempre um património maravilhoso existente nesta área: são 20 moínhos com 39 rodízios, estando ainda a funcionar cerca de 15; são engenhos da serra, lagares de azeite, azenhas copeiras e engenhos de linho. Tudo irá pura e simplesmente desaparecer com a barragem de Panque. Para baixo haverá água quando os donos da barragem tiverem necessidade de fazer descargas.

Reduzindo ou fazendo desaparecer o rio Neiva que irá acontecer à captação de água em Barroselas, que abastecerá milhares de pessoas de várias freguesias? Porventura está acautelado o bem-estar das populações? A Empresa terá realmente conhecimento do impacto ambiental de uma obra destas? Não parece.

É falta de senso, é um atentado contra a natureza e consequentemente contra os habitantes do Vale do Neiva. Está provado que as Mini-Hídricas não interessam nem trazem vantagens para as regiões.

A MÓ — Associação do Vale do Neiva, de Barroselas, através da sua secção de ambiente Eco-Neiva, apela a todos os habitantes do Vale do Neiva para a luta a travar contra este monstro de cimento que irá matar o nosso rio.

Junho-1990

A MÓ — Associação de Defesa do Vale do Neiva



PEREGRINAÇÃO À TERRA SANTA

Vem da 5.ª pág.

O caminho do Calvário

Pela manhã, saímos em direcção à igreja de S. Pedro «in Valli Cantu», no Vale do Cidron. Esta igreja foi construída em 1931 pela Ordem dos Agostinhos no sítio onde, tradicionalmente, dizem ter existido o palácio do Sumo Sacerdote Caifás, onde Jesus foi trazido depois de ser preso e onde Pedro reconheceu que tinha negado o Mestre quando o galo cantou, ao alvorecer (Mt. 26,34).

Passamos pela piscina Probática, a poucos metros da Porta de Santo Estêvão, onde se reuniam os inválidos, pois assim se dizia, as suas águas tinham propriedades curativas (Jo. 5,6-9). Comprovou-se que esta piscina tinha 120 m. de comprimento, 70 de largura, 8 de profundidade e cinco pórticos. Ao lado, entramos na igreja de Santa Ana, onde tradicionalmente, dizem ter nascido a Virgem Maria e onde viveram os seus pais, Joaquim e Ana.

Na Porteleza Antónia inicia-se a Via Dolorosa, sendo aqui a 1.ª estação. Crê-se ter sido aqui onde Jesus foi julgado. O arco «Ecce Homo», na rua que passa junto ao convento das irmãs de São, onde Pilatos apresentou Cristo à multidão — «Eis aqui o homem». No convento de São construído entre 1859 e 1864 por Afonso Pabistone que fundou uma ordem de monges para conversão de judeus, teve lugar o julgamento público de Jesus e onde Pilatos lavou as mãos. Ao lado tem uma capela onde lhe impuseram a coroa de espinhos.

Daqui Jesus leva a cruz aos ombros até ao Calvário. As duas primeiras estações estão dentro da Porteleza Antónia, as seguintes 7 estações distribuem-se pelas ruas da cidade, actualmente uma feira pitoresca dos árabes, onde se encontram pequenas ermidas ou simplesmente pedras incorporadas nos muros que assinalam o lugar tradicional das estações; as restantes cinco estações encontram-se dentro da Igreja do Santo Sepulcro.

A igreja do Santo Sepulcro engloba o Calvário, onde Jesus foi crucificado, e o túmulo onde depositaram o seu corpo. Esta igreja foi erigida pelos cruzados em 1149 embora tenha sofrido algumas transformações através dos tempos.

O Calvário (Gólgota = lugar da Caveira) contém uma rocha em forma de caveira onde foi colocada a cruz de Jesus. Erguem-se aqui dois altares contíguos: um entregue aos católicos, que segundo a tradição foi o lugar onde Cristo foi despojado das suas vestes, e o outro entregue aos ortodoxos gregos, onde foi levantada a cruz. Entre os dois altares encontra-se uma imagem de N.ª Sr.ª das Dores oferecida por Portugal.

Mais abaixo, uma pedra assinala o lugar onde Cristo foi amortalhado, e em frente uma coluna assinala o lugar onde a Virgem Maria assistiu às últimas cenas dolorosas da vida de seu Filho. Ao lado, encontramos o Túmulo de Cristo. O sepulcro, que pertencia a José de Arimateia, consiste em duas câmaras: a primeira onde estavam os familiares enlutados, e a segunda, onde era colocado o defunto. No interior tem uma lousa em mármore que assinala esse lugar. Este monumento foi construído em 1810 pela igreja ortodoxa grega e russa.

Aqui celebramos a Eucaristia, regressando depois ao hotel para o almoço. Da parte da tarde e no dia seguinte, dispusemos de tempo livre para actividades pessoais: visitar a cidade, fazer compras, descansar ou passar o tempo na piscina do hotel.

Regresso

Erão quatro horas da tarde quando nos despedimos da cidade de Jerusalém em direcção ao aeroporto de Ben Gurion. Inicialmente previsto para as 20h00 o voo LY 391 com destino a Lisboa, embarcamos no Boeing 747 com quase duas horas de atraso.

Terminamos a nossa viagem por volta das sete horas da manhã em Antas.

PARA SER AMADO, TORNE-SE AMÁVEL

1. Interesse-se, activa e respeitosa, pelo outro, pelos outros tais como se situam na vida *aqui e agora*, o respectivo temperamento, carácter, história, valores e respectivos projectos de vida.
2. Saiba acolher os outros empaticamente. É que um sorriso sincero, oportuno e amigável, é a melhor saudação para abrir o diálogo sadio.
3. Saúde os outros pelo «nome» que os identifica, segundo o respectivo papel, estatuto e função. O melhor processo para serem ouvidos, é sintonizar com os interlocutores, tornar-se bom ouvinte.
4. Saiba ouvir e entender a «in-

tenção» do outro e não apenas as palavras ou gestos, eventualmente inadequados. Escutar com atenção, dá confiança, estimula a revelação e afirmação da verdade dos outros tais como se situa na vida, com sucessos e fracassos.

5. Interesse-se pelo que realmente interessa aos interlocutores. É o melhor processo para estabelecer uma relação e trocas interessantes dos intervenientes no processo dialógico activo e eficaz.

6. Respeite a identidade dos outros, dando-lhes a importância que efectivamente cada um tem, por ser imagem do Criador e vocacionado

para ser livre, autónomo e complementar na vida familiar, social e eclesial.

7. Não seja conflituoso, nem alimente o estilo agressivo. Lembre-se que, além da própria opinião, há a dos outros; e a verdade objectiva poderá estar para além das diversas opiniões expressas. Cada opinião vale pela objectividade dos argumentos que suportam a respectiva autenticidade.

8. Seja leal na busca da verdade. Aceite aprender com os outros e mudar de opinião quando for caso disso. Serás bom pedagogo na medida que perceberes o mundo dos interlocutores: escuta e tenta compreendê-los.

9. Não seja radical: Saiba apreciar o grão de verdade que sempre existe naquilo que os outros dizem, sugerem e são, independentemente da respectiva expressão, eventualmente inadequada ou até tosca. Sem ser ingénuo, procure os aspectos positivos dos outros.

10. Não procure impôr-se pela «força», sob as suas variadas formas de expressão; preferentemente saiba dizer «sim», «talvez» e «conforme», e menos vezes «não». A verdade propõe-se, não se impõe, a não ser pela evidência expressa e percebida pelos destinatários.

11. Não julgue à priori, negativamente, as intenções dos outros, nem humilde desnecessariamente quem erra. Estimule-os para que se abram à comunhão, à justiça e à Paz activa, no respeito recíproco.

12. Expresse por palavras, gestos e atitudes, a disponibilidade afectiva para ouvir e entender os outros na sua diferença, na sua etapa actual da respectiva história que vão vivendo.

13. E mantenha a adequada distância crítica para entender e ajudar os outros, sem se envolver afectivamente na respectiva problemática: deixe que cada um seja ele mesmo, a começar por si; ame-se bem para amar, sem preconceitos, sem resis-

tência à mudança, busque uma auto-imagem realista e dialogante. Cada um age segundo o que vai sendo. Não desista de caminhar para a autenticidade, para a plenitude da auto realização das respectivas potencialidades, tentando ser hoje mais que ontem e amanhã melhor do que hoje.

FR. BOP



Álcool? E você!?

— Quanto mais a sua dose de álcool aumenta... mais você diminui



O número anterior da «Voz de Antas» permitiu-lhe, ainda que em traços gerais, uma sensibilização sobre os efeitos nocivos do álcool.

Reflectiu, concerteza, naquelas interrogantes de que o álcool aquece, mata a sede, dá força, facilita a digestão e é um remédio. A resposta pode ser traduzida apenas numa palavra: Ilusão. Somente destrói o organismo.

O álcool não aquece. Quando se bebe uma bebida alcoólica a sensação

de frio na face, nas mãos e na pele, diminui ou mesmo desaparece, substituída por um certo rubor, o que leva a afirmar que o álcool aquece. Há, no entanto, uma deslocação de sangue, do interior do organismo para a superfície do mesmo, por se ter dado uma dilatação passiva dos pequenos vasos sanguíneos. O álcool provoca, sim, perda de calor no organismo.

O álcool não mata a sede. A sensação de sede significa necessidade de água no organismo. O álcool tem uma acção sobre os mecanismos fisiológicos que regulam a perda de líquido pelos rins, provocando um aumento de volume da urina, considerável perda de água e, conseqüentemente mais sede ainda no organismo. O álcool só agrava a sede.

O álcool não dá força. A sua acção euforizante vai «abafar» a fadiga muscular e nervosa que, depois de um trabalho intensivo e desgastante física ou intelectualmente, necessita de um repouso reparador do organismo. Nestas condições, ao beber álcool o indivíduo fica excitado, tal como um chicote que excita um animal de carga, e impedido

de sentir o verdadeiro e normal cansaço.

O que sente é uma energia falsa, pois o álcool «corta as pernas».

O álcool não facilita a digestão. A sensação de esvaziar o estômago, após a ingestão de uma bebida alcoólica, corresponde apenas a uma aceleração dos movimentos gástricos, por acção irritante da mucosa, com a abertura, anormal, do esfíncter duodenal e conseqüente passagem, quase abrupta, dos alimentos insuficientemente digeridos, para o intestino.

O álcool não é um remédio. Às vezes, parece «abafar» dores de cabeça ou um mal estar. Estes efeitos estão relacionados com as suas propriedades euforizantes e anestésicas. É, antes de mais, um «remédio» perigoso pelo facto de diminuir as defesas e resistência do Homem que se torna mais facilmente vulnerável à doença.

Não espere mais tempo. Diga: Não! às bebidas alcoólicas. Lembre-se que atrás de «copo, copo vem»; comece por regeitar o primeiro.

Entretanto fique com as três regras da sobriedade:

1 — Durante a refeição beba moderadamente. A ingestão de «aperitivos e digestivos» deve ser banida.

2 — Fora das refeições e, sobretudo, durante o trabalho ou na condução, evite beber bebidas alcoólicas. Estas bebidas, quer sejam vinho, cerveja, aperitivos, aguardente, absorvidas sem alimentos deterioram o organismo. Na verdade, o álcool passa depressa para o sangue, impregnando todos os órgãos, em particular o sistema nervoso.

3 — Ofereça à escolha. Respeite a liberdade de cada um: dê a escolher entre bebidas com e sem álcool. Não esqueça que o doente alcoólico desintoxicado não pode voltar a beber álcool bem como as crianças, mulheres grávidas ou mulheres que amamentem.

Porque o álcool no sangue é luz verde ao acidente recomendamos-lhe prudência. *Porque só vivemos uma vez, viva plena e intensamente... Sem álcool.*

BOM HUMOR

— Rir é o melhor!

Consolação

A senhora está gravemente doente. O médico visitou-a e acabava de sair. A empregada, que o acompanhou à porta, reentra imediatamente. E a senhora pergunta-lhe com ansiedade:

— Que te disse o médico?
— Oh! Alegre-se, minha senhora. O médico disse que lhe restava pouco tempo de sofrimento...

Paciência infinita

Dois homens encontram-se na rua. Um deles começa a gritar desalmadamente:

— Você é um cretino, um idiota, um ignorante...
— E quê? pergunta o outro. Isso é assunto que não lhe diz respeito.

À chegada do carteiro

— Trago uma carta para a senhora que chegou de avião.
— Ora, não me venha com histórias. Então eu não vi que chegou de bicicleta!

No regresso de férias:

— Então, como te correram as férias?
— Tirando a viagem esgotadora, o calor infernal, as constantes trovoadas, os terríveis mosquitos, a cama dura e a conta da pensão muito cara... o resto correu tudo bem!...

Numa taberna

A liga contra o Alcoolismo afixara um grande letreiro que dizia: «O Álcool mata lentamente». Alguns dias depois um empedernido bebedor acrescentou, às escondidas: «Tanto melhor; não tenho pressa»...

Um campónio passou uns dias em Lisboa pela primeira vez. Quando regressou à sua aldeia, os amigos querem saber as impressões dessa estadia na capital.

— Sabeis que tive de pagar 2.000\$00 por dia pelo quarto do hotel?

— Foi muito, realmente. Mas, em compensação terás aproveitado bem para ver as coisas bonitas que por lá abundam, não?

— Qual quê?! Se se paga assim tanto por um quarto de hotel há que aproveitá-lo bem até ao fim: não saí do quarto nem sequer um minuto!...

BEBER UM COPO



30 PERGUNTAS AS QUAIS SÓ O PRÓPRIO PODE RESPONDER

	Sim	Não
1 Quando bebe demais sente vontade de beber no dia seguinte?	___	___
2 Prefere (ou gosta) de beber sózinho?	___	___
3 Interrompe o trabalho para beber?	___	___
4 O facto de beber contraria a sua família?	___	___
5 Sente necessidade de beber em determinados momentos do dia?	___	___
6 Sente-se contrariado quando não pode continuar a beber?	___	___
7 A bebida torna-o irritável?	___	___
8 Esquece o bem estar da sua família por causa da bebida?	___	___
9 Tem ciúmes da sua mulher desde que bebe?	___	___
10 O facto de beber tem prejudicado a sua personalidade?	___	___
11 Sente mal estar físico depois de beber?	___	___
12 Sofre de insónias por causa da bebida?	___	___
13 Torna-se impulsivo por causa da bebida?	___	___
14 Tem menos controlo, sobre si mesmo desde que bebe?	___	___
15 O seu espírito de iniciativa fica diminuído pela bebida?	___	___

- 16 Tem menos ambições desde que bebe? ___
- 17 Bebe para ser mais sociável? ___
- 18 Bebe para ganhar coragem ou para compensar os sentimentos de falta de adaptação? ___
- 19 A sua potência sexual tem diminuído desde que bebe? ___
- 20 Sente desgosto ou ódio desde que bebe? ___
- 21 Tem-se tomado mais ciumento ou invejoso por causa da bebida? ___
- 22 A bebida torna-o lento? ___
- 23 A sua eficiência tem diminuído desde que bebe? ___
- 24 Tem mais dificuldades em empreender qualquer coisa desde que bebe? ___
- 25 Prefere beber em companhia de pessoas de nível inferior ao seu? ___
- 26 Sente que a bebida prejudica a saúde? ___
- 27 a sua tranquilidade de espírito é prejudicada pela bebida? ___
- 28 Deixa para trás os seus afazeres por causa da bebida? ___
- 29 A bebida ensombra a sua reputação? ___
- 30 Já teve alguma vez perdas de memória enquanto bebe ou depois de ter bebido? ___

• Se respondeu SIM a uma destas perguntas, podemos suspeitar apenas que seja um bebedor toxicómano.
• Se respondeu SIM a duas destas perguntas, é já provável que seja um bebedor toxicómano.
• Se respondeu SIM a três ou mais perguntas, é decididamente um bebedor toxicómano.
Porque dizemos isto? Unicamente porque a experiência de milhares de alcoólicos nos revelou algumas verdades fundamentais sobre sintomas de alcoolismo. Só você pode dizer de maneira certa como bebe. Se tem problemas, nós sentimos-nos satisfeitos em mostrar-lhe como pode viver feliz sem beber.
• Se no entanto não quiser admitir que tem problemas com a bebida, está no seu direito. Tudo o que lhe sugerimos é que se mantenha atento a este problema.

A morte marcou encontro

JOSÉ MANUEL DE JESUS TEIXEIRA, filho de Manuel José Teixeira e de Laurinda de Jesus, encontrou a morte aos vinte e três anos de idade, vítima de um condutor assassino e irresponsável.



Falar do Jorge é difícil, porque podem pensar que estamos a colorir a vida dele, mas a verdade é que ele era um jovem ímpar. Raramente se encontra alguém com as qualidades que ele tinha.

Natural da freguesia de Rio Tinto — Porto, viveu a sua infância nos arredores de Ponte de Lima, tendo vindo residir para a nossa freguesia há cerca de oito anos.

Devido à sua enorme timidez, tinha poucos amigos, mas sinceros. Era um jovem a quem não se conheciam vícios. Não sabia o que era a malícia ou a maldade. Para ele todos tinhamos lugar no seu coração. O seu sorriso e simpatia era contagiante. A sua vida era duma simplicidade e o seu coração tão puro que me atrevo a dizer que tinha um coração de criança num corpo de homem. Por mais cansado que estivesse estava pronto a ajudar os que dele precisavam. Quantas vezes passou os tempos livres, que muitos desperdiçam nos cafés, na companhia da família, fazendo pequenos trabalhos que as suas mãos habilidosas nunca deixavam por acabar. Era o filho, o irmão, o tio mais estimado e querido, porque nunca se lhe ouviu uma má resposta, o seu sorriso era a resposta.

Começara há poucos meses a fazer planos para o futuro, pois tinha conhecido uma jovem com os mesmos ideais. Sentia-se pela primeira vez feliz. Mas Deus não quis que essa felicidade fosse duradoura. No seu caminho cruzou um irresponsável e para ele acabou a caminhada terrena. O seu coração puro deixou de bater. Com ele desceu à terra um pouco de cada um de nós que com ele convivemos.

Pais, irmãos, cunhados, sobrinhos, amigos, noiva e vizinhos, todos choramos a sua morte. Fica um grande vazio dentro de nós. Deixamos de ter um Bom Amigo.

Pedimos ao Senhor que receba a sua Alma e lhe dê o Descanso Eterno.

Jorge, Descansa em Paz. Nas nossas orações jamais te esqueceremos, até que um dia nos encontremos todos a teu lado.

SEBASTIÃO ALVES DA CRUZ, nasceu no Lugar do Monte, a 20/10/1906, filho de Domingos Alves da Cruz e Maria Rodrigues Viana.

Muito cedo inicia a sua vida, inteiramente dedicada ao trabalho, passando por algumas casas de lavoura da freguesia; como criado de servir do Sr. José Neiva, jomaleiro do Sr. Carvalho, e mais tarde «guardador» das Bouças do Sr. Manuel Martins Viana. Emigrante em França, para onde parte em 1929, trabalhou na construção dos caminhos de ferro.

Do casamento com Olinda Gonçalves Ribeiro (falecida em 1988), nasceram os filhos José, Emílio e Manuel.

Na parte final da sua vida, e ainda acompanhado da esposa, vai viver para junto de seu filho José, no lugar da Estrada, onde permanece quatro anos.



Por sua vontade quer acabar os seus dias na sua casa, no sítio da Torre no Lugar da Pereira, onde veio a falecer no dia 07 de Setembro.

Eis o percurso da vida simples de um homem humilde, mas honesto e bom.

DOMINGOS ALVES DE AZEVEDO, faleceu no dia 5 de Outubro, na sua casa, no Lugar de S. Paio de Cima. Filho de José Alves de Azevedo e de Ana Gonçalves Ribeiro, nasceu há 59 anos, no Lugar de Azevedo, onde viveu e trabalhou com seus pais nas lides do campo, até a data do seu casamento com Arminda Rodrigues Sampaio, indo então viver para o Lugar de S. Paio de Lima.



Tendo emigrado para França, aí trabalhou durante vários anos, em busca de melhores condições de vida. Quando regressou para gozar merecida reforma, foi acometido por doença que o viria a vitimar.

Que Deus lhe dê a recompensa de seus trabalhos.

BÁSILIO GONÇALVES PORTELA, faleceu no dia 26 de Outubro. Tinha nascido em 28 de Maio de 1908, no Lugar da Guilheta, filho de Manuel Gonçalves Portela e Maria Alves Moreira.

Tendo ficado órfão de mãe, muito cedo sentiu as agruras da vida naqueles tempos tão difíceis e tão diferentes de hoje.

Casou em Setembro de 1935 com Maria Adelaide da Costa Pereira. Desse casamento nasceram os filhos Alice, António, Basílio e Manuel. Para os sustentar, trabalhou duramente, tendo inclusive trabalhado na construção da Ponte da Arrábida.

Depois da morte da mulher, ocorreu em 28 de Dezembro de 1985, passou algum tempo em França, na casa dos filhos, tendo voltado para junto da filha Alice, há alguns meses.

Na noite de 26 de Outubro desapareceu da sua residência. Após prolongadas buscas, foi encontrado afogado no rio Neiva, no dia 28 do referido mês.

Que Deus o acolha junto de Si e o recompense de todos os seus sofrimentos.

Por tão trágica ocorrência Voz de Antas apresenta à família sentidos pêsames.



MANUEL DE SÁ, faleceu no dia 4 de Novembro, na sua residência, no Lugar de Guilheta, após prolongado sofrimento.

Havia nascido no Lugar de Guilheta, em 1 de Março de 1917, filho de António de Sá e Emília Alves Moreira.

Em 8 de Novembro de 1942 casou com Deolinda Dias Ferreira, também residente no Lugar de Guilheta.

Deste casamento nasceu um filho, Fernando Ferreira de Sá.

Toda a vida trabalhou na agricultura, sendo uma pessoa muito simples, sempre pronto a dar a sua ajuda se necessário.

Vítima de doença incurável, partiu para junto do Pai, onde receberá a recompensa dos seus trabalhos.

À família, «Voz de Antas», apresenta sentidas condolências.

Receita e Despesa da festa de S.^{ta} Tecla do ano de 1990

RECEITA

Lugar de Cima e Igreja	4.500\$00
Lugar do Monte	55.750\$00
Lugar de Pereira	34.000\$00
Lugar de Azevedo	69.500\$00
Lugar da Estrada	53.200\$00
Lugar de Belinho	55.660\$00
Lugar de Guilheta	693.700\$00
Emigrantes	270.000\$00
Esmola do S. Miguel	128.000\$00
Castelo do Neiva	300.000\$00
Câmara Municipal	100.000\$00
Tascos e vendedores ambulantes	49.300\$00
Forasteiros	55.390\$00
Total	1.871.000\$00

DESPESA

Programas	13.000\$00
Correspondência	14.300\$00
Câmara	8.350\$00
Seguros	24.700\$00
Fanfara	35.000\$00
Transportes	13.000\$00
Transmissão dos Ranchos	30.000\$00
Cavalos da G.N.R.	46.800\$00
E.D.P.	63.000\$00
G.N.R.	52.800\$00
Arraial	180.000\$00
Conjunto	130.000\$00
Zés Pereiras	103.000\$00
Bandas de Música	680.000\$00
Ranchos	122.500\$00
Andores	35.000\$00
Fogo	290.000\$00
Total	1.841.450\$00

Receita

Despesa

Saldo Positivo

Este saldo foi entregue à Comissão Fabriqueira, para beneficiação da Capela.

COMISSÃO DE FESTAS PARA O ANO DE 1991

António Caramalho Pires; Martinho Lapeiro Caramalho; Manuel da Torre Rolo; Manuel José da Torre Cardante; Carlos Alberto Viana da Silva; Albino Torres Pereira; Hilário Caramalho Pires; Adélio Lapeiro Caramalho.

Abastecimento domiciliário de água

Também prosseguem os trabalhos de colocação de tubagem da rede geral para o abastecimento domiciliário de água à freguesia. Sendo uma obra de largo alcance, pena é que alguns caminhos por onde as condutas têm que passar, fiquem temporariamente quase intransitáveis. Mas esperamos que em breve tudo volte à normalidade... e para bem de todos.

Casamentos EM FRANÇA

Sebastião da Costa Enes, 27 anos, filho de José Enes e Elvira Barros da Costa, casou a 27 de Outubro, na igreja de Nespley, França, com Marie-Angele Carmen Delacour, 22 anos, filha de Paul Maurice Désiré Delacour e de Losada Angeles, de nacionalidade francesa.

Não casou em Junho, como noticiou «VA», Daniel Laranjeira Pereira, 24 anos, filho de Manuel da Costa Gonçalves Pereira e de Carolina Meira Pires Laranjeira, com Silvia, 24 anos.

Frente Solidária da «Voz de Antas»

Manuel Augusto Sampaio — França	1.000\$00
Fernando de Azevedo Moreira — Suíça	1.000\$00
Cândida Alves Moreira — França	500\$00
José Fernando Capitão — França	5.000\$00
Álvaro Meira Laranjeira — França	1.000\$00
António Xavier da Costa — Estrada	500\$00
José Torres dos Santos — França	1.000\$00
Alzira da Cruz Viana — Monte	1.000\$00
Horácio Laranjeira e Amélia — França	1.000\$00
Mário de Sá e Lucília — França	1.000\$00
António Henrique Pereira Alves — Porto	2.000\$00
Francisco Rodrigues Meira Torres — França	500\$00
Maria Gonçalves — Belinho	500\$00
Empreiteiro Lagé — Meadela, Viana do Castelo	3.000\$00
Manuel da Costa Laranjeira — Monte	500\$00
Manuel Pereira Ferreira — Guilheta	500\$00
Manuel da Costa Araújo — França	1.000\$00
Armando da Costa Araújo — Austrália	1.000\$00
José Enes — Estrada	500\$00
Manuel de Barros Gregório — Alverca	1.000\$00

Norberto Rodrigues Meira — Matosinhos	1.000\$00
Manuel de Barros Alves Pereira — França	1.000\$00
Maria Alves Pedreira — Guilheta	500\$00
Alexandrino Pires Laranjeira — Guilheta	500\$00
José Xavier da Costa — Estrada	500\$00
António Rodrigues — Estrada	1.000\$00
Domingos da Silva Salgueiro — Estrada	500\$00
Ricardina Cunha — França	2.000\$00
Ermelinda Vieira Torres Lima — Azevedo	500\$00
Manuel Martinho Viana Caramalho — Monte	500\$00
Mário Viana Alves Machado — Porto	1.000\$00
António Viana Torres — Forjães	1.000\$00
Paulina da Cruz Ferreira — França	500\$00
Maria da Glória Pires Quintas — França	1.000\$00
Cândida Faria Neiva — França	2.000\$00
Manuel da Silva Neiva — Azevedo	500\$00
Arminda Rodrigues Sampaio — Cima	1.000\$00
Lúcia Pereira Cardante — França	500\$00
Rosa da Costa Pereira — Guilheta	500\$00
Manuel Gonçalves Chasco — França	1.500\$00

Manuel Alves Caseiro — Guilheta	500\$00
António Alves da Cruz Faria — Azevedo	500\$00
José Manuel Viana da Cruz — França	1.000\$00
Manuel Victor Caramalho Pires — Portimão	1.000\$00
Manuel da Costa Rolo — Azevedo	500\$00
Arlindo Viana e Aida — Argentina	5.000\$00
Rosalina dos Santos Neiva — Monte	500\$00
Maria Amélia Laranjeira Afonso — França	1.000\$00
Victor Manuel da Venda Lopes — Fonte Boa	500\$00
José Alves Rolo Afonso — Azevedo	500\$00
Manuel Crespo — Argentina	3.000\$00
Rosa Dias — Guilheta	500\$00
Luciano da Cruz Viana — Azevedo	1.000\$00
António Faria Viana — Monte	1.000\$00
Jacinta Faria Viana — Forjães	500\$00

(Continua)

A Administração agradece

OPINIÃO LIVRE

Serenamente...

Não vão bons os tempos para quem pensa pela sua cabeça, não se deixa manipular, não aceita andar em manada.

Não vão bons os tempos para quem prefere a dedicação ao trabalho ao folclore da vida social ou ao passatempo da intriga política.

Não vão bons os tempos para quem permanece fiel à palavra dada e aos compromissos assumidos.

Não vão bons os tempos para quem se quer manter fiel a valores e a princípios em que acredita.

Não vão bons os tempos para quem evita o jogo dos interesses, das conveniências, das manobras de bastidores.

Não vão bons os tempos para quem se não apresenta como convém na feira de vaidades em que teimam converter o mundo de hoje.

Não vão bons os tempos para quem se não deixa moldar nem embalar pelas brisas de momento.

Não vão bons os tempos para quem pensa que os homens devem ajoelhar diante de Deus e permanecer de pé diante dos outros homens.

Não vão bons os tempos para quem teima em não viver de habilidades, de arranjos, de influências.

Não vão bons os tempos para quem tem a «ousadia» de denunciar a corrupção, o clientelismo, o compadrio, o oportunismo, o abuso do poder, o seguidismo.

Não vão bons os tempos para quem se recusa a envergar a indumentária ideológica que lhe querem impingir nem a pintar os seus comportamentos.

Não vão bons os tempos para quem continua a acreditar que a linha recta é a mais curta distância entre dois pontos.

Não vão bons os tempos para quem teima em se não vender, em não fazer fretes aos detentores do poder, em não ser moço de recados, em fazer o que entende que deve fazer e não em cumprir ordens dos novos ditadores travestidos de democratas.

Mas quando foi que no reino da cobardia e da prepotência se sentiram bem os que permaneceram iguais a si mesmos?

S. A.

*

Afirmou há dias Paulo Portas que os políticos «não podem querer que sejam divulgadas as suas virtudes e não os seus defeitos».

Penso que um político não pode ser, apenas, um indivíduo que aspira ao poder mas alguém que sabe usar esse mesmo poder.

O político, como qualquer outro cidadão, não pode esquecer as normas da Moral e do Direito. Se ocupa um lugar cimeiro tem, inclusivamente, o dever de dar exemplo aos outros, o que significa o dever de mostrar, na prática, que, de facto, não vale tudo.

Mais do que um homem de habilidades e de influências, quem se dedica à política há-de ser, sobretudo, um homem de princípios, o que significa que a arbitrariedade há-de ser banida dos seus processos de actuação.

Vem a propósito recordar que o poder é para ser exercido a favor do bem comum, o que, à partida, põe de lado o clientelismo e o compadrio. Isto seja a que nível for. O político é o homem que serve, e não o indivíduo que se aproveita em benefício próprio ou dos seus correligionários.

Ter o poder não significa ter o direito de fazer o que quer. De dizer o que lhe der na gana. De perder as estribeiras e disparatar. De pretender mandar em tudo e em todos, como se os outros não passassem de bonecos. De ser malcriado e de insultar. De não respeitar a legítima liberdade de opiniões. De se não controlar e não dominar os nervos.

Ter o poder não dispensa ninguém de ter boas maneiras, de reconhecer os erros, de os emendar, de pedir desculpa. O tal exemplo a dar até o impõe.

Tenho reparado que o uso do poder toma certas pessoas arrogantes, agressivas, fanáticas, intolerantes, e é pena.

Homem como os outros, o político também tem defeitos, naturalmente. É bom que tome consciência disso para que se não endeuse.

Há defeitos de políticos que a comunidade tem o direito de conhecer. Também para que os não idolatre e para que, ao depositar o voto, veja a quem dá o poder.

S. A.

N.R. — Os artigos inseridos nesta Secção são da responsabilidade dos seus autores, embora muitas vezes não coincidindo com a orientação editorial do jornal.

Ofertas para Obras Paroquiais

(RESTAURO DA SACRISTIA NORTE DA TRIBUNA)

Viana & Filhos	50.000\$00
Basília de Azevedo Viana	10.000\$00
Mário Salgueiro, França	7.000\$00
Alguém do Monte	5.000\$00
Isabel Azevedo	2.000\$00
Esménia de Jesus Costa, Guilheta	5.000\$00
Manuel Gonçalves, Estrada	5.000\$00
Lucinda Faria Viana, Monte	44.000\$00
José Enes, Estrada	5.000\$00
Albina Vicente Carneiro, Guilheta	10.000\$00

(Continua)

PINCELADAS SOBRE O MORGADIO DA PORTELA DE BELINHO

OS ROCHAS — SUA ORIGEM E CARÁCTER

(Continuação)

Vem da 1.ª pag.

da estirpe dos Pereiras de Mazarefes, cotados como descendentes de heróis muito ilustres. Esta inscrição desapareceu, dando lugar a outra, alusiva ao seu fundador.

Não obstante esta família ter sido extinta na pessoa de Jorge Pessanha Pereira há mais de dois séculos e meio (1737), continua a manter-se a tradição de, no dia do padroeiro, S. Nicolau, durante a celebração da missa, abrirem o túmulo, onde são colocadas velas acesas, símbolo de veneração pelas cinzas ali contidas.

D. Beatriz ou Brites Pereira, filha do citado Jorge Pereira, casou em Lama, Barcelos, com Pedro Lopes de Azevedo, décimo nono senhor do Couto de Azevedo, décimo donatário da vila de Souto, padroeiro de Santa Maria de Galegos, Moço Fidalgo da Casa Real, etc.

Quando, cerca de duzentos anos mais tarde, na citada data de 1737, a família se extinguiu em Mazarefes, os Coutos e padroados, que lhe haviam pertencido, passaram para os senhores do Couto ou Torre de Azevedo.

O filho primogénito de Pedro Lopes de Azevedo e de D. Beatriz, Martim Lopes de Azevedo, tomou acérrimo e entusiástico partido por D. António, Prior do Crato, quando este pretendente se auto-proclamou rei de Portugal. Este efémero e atribulado rei, falho de dinheiro, desprovido de exército e marcado pelo aviltante ferrete da bastardia, estava longe de possuir trunfos que lhe permitissem competir com rivais da envergadura de seu primo, D. Filipe II, rei de Castela.

Assim, quando o duque de Alba, grande estratega militar castelhana, atravessou com as suas tropas a raia alentejana, marchando em direcção a Lisboa, onde já o esperavam alguns navios de apoio, D. António não teve outra alternativa que não fosse solicitar auxílio militar aos monarcas ingleses e franceses.

Tanto um como outro corresponderam ao seu apelo, comprometendo-se a enviar-lhe tropas para salvar a situação e o consolidar no trono que tentavam arrebatar-lhe, só que o preço, pelo qual o faziam, era altamente exagerado, sobretudo o proposto por Catarina de Médicis que, pelo envio das tropas francesas, exigia em troca a posse do Brasil.

D. António, cuja ambição de ser rei suplantava a da rainha dos franceses relativa à posse do cobiçado Império Sul-americano, sujeitou-se à imposição.

Todavia, para o bem armado e treinado exército castelhana, o pequeno exército português, organizado de afogadilho, bem como os exércitos aliados, foram «canja», tendo sido derrotados em todas as batalhas travadas, tanto na metrópole como nos Açores.

Filipe II, perante o fracasso dos seus antagonistas, apoderou-se de Portugal. Porém, ao tomar conhecimento que D. António fazia diligências no Minho com o intuito de concentrar forças para se lhe opor, enviou arautos a esta província, proclamando que daria elevada recompensa a quem denunciasse o paradeiro do ex-Prior ou o dos seus encobridores. D. António, vendo a sua cabeça a prêmio e os seus movimentos cerceados, precaveu-se, escondendo-se até preparar a fuga para junto dos monarcas que tentaram ajudá-lo.

Ninguém o denunciou! Valeu-lhe, certamente, a simpatia que o Povo lhe tributava, bem como o respeito e consideração que o mesmo Povo nutria pelas famílias ilustres que lhe deram guarida. Entre os fidalgos

que o acolheram e esconderam, figuravam os titulares de Anha e de Vila Fria que, mediante as circunstâncias, não ganharam para o susto.

Felizmente tudo correu bem.

Mais tarde, quando tudo serenou e os riscos em que se envolveram tinham desaparecido, as residências senhoriais destas duas ilustres famílias foram agraciadas com a honrosa designação de Paço de Anha e Paço de Vila Fria.

Realmente, estas duas nobres mansões albergaram um rei!

Um rei perseguido, acochado, meteórico, fugaz, não importa, foi rei! Um rei a quem não deram tempo de aquecer o respaldar do trono...

Também uma boa parte dos seus frustrados apoiantes foram obrigados a abandonar o reino precipitadamente, procurando salvar a pele, melhor dito, a cabeça.

Entre estes fugitivos, figurava o vigésimo senhor do Couto de Azevedo, o já citado, Martim Lopes de Azevedo, altamente comprometido, pois levava a sua ousadia, o seu arrojo, a ponto de mandar erigir uma forca, destinada a supliciar os rebeldes à causa por si defendida.

Quando o usurpador, Filipe II de Castela e I de Portugal se apoderou deste último país, na impossibilidade de deitar a mão a este seu declarado inimigo, obrigando-o a prestar restritas contas, limitou-se a confiscar-lhe os bens.

Esta medida, a par de outras vicissitudes, deitou por terra todos os «frutos» colhidos pelo décimo oitavo senhor do aludido Couto, seu avô e homónimo, após ter sustentado exaustivo e demorado pleito judicial, contra seu primo, Pedro Lopes de Azevedo, senhor de S. João de Rei, que injustamente lhe disputara os seus legítimos direitos de chefe de família e, consequentemente, os de morgado. Assim, as valiosas e recém-recuperadas propriedades inseridas no Couto de Terras do Bouro o Casal de Lousa, sito em Prado, bem como as que já possuíam, passaram para a Coroa.

Espoliado das suas propriedades, esbulhado dos rendimentos que estas lhe proporcionavam, foragido em terra alheia, valeram a este auto-exilado, as remesas pecuniárias que os seus parentes lhe enviaram.

Foram, contudo, os parentes da sua consorte, aqueles que mais se bateram para lhe obterem o perdão e abreviar o seu regresso ao país. Isto, porém, só foi possível já no reinado de Filipe III, e ficou a dever-se a uma tia de sua mulher, dama de grande influência na corte, D. Leonor de Mascarenhas.

Além do perdão, foi-lhe permitido habitar a Torre de Azevedo como sua, pois, as restantes propriedades, continuaram a pertencer à Coroa.

Todavia, Martim de Azevedo, foi, pouco a pouco, recompondo o seu desfalcado património, graças aos ricos parentes que, sem herdeiros forçados, canalizaram em seu proveito, por intermédio de testamentos, grandes legados, como, por exemplo, o Paço de Remelhe e, mais tarde, em vida dos seus descendentes, os Coutos de Mazarefes, Paradela, Castro, etc.

Sua mulher, D. Leonor da Silva, era filha de Álvaro Pinheiro Lobo de Lacerda, Alcaide-mor de Barcelos, morgado de Pouve, padroeiro de Cristelo, etc, e de sua terceira mulher, D. Francisca da Silva, emparentada, embora por bastardia, com os Alcoforados da Silva, senhores do morgadio da Silva, cujos descendentes, legaram, já em

nossos dias, uma grande parte à Congregação do Espírito Santo que, nela, instalou mais um dos seus prestimosos Seminários.

Álvaro Pinheiro era, por sua vez, directo descendente dos Pinheiros de Outis, representantes de uma das mais antigas e genuínas famílias portuguesas, pois já no tempo do rei D. Dinis, a sua antiguidade e nobreza eram assinaláveis.

Este tronco estava muito espalhado aqui no Norte, especialmente em Barcelos e seu termo.

Os antigos senhores do morgado da Quinta Velha, mais tarde também conhecido por morgado das Barretas, cujo recinto é mais conhecido entre nós por Portais do Filipe, eram originários desta família, embora, por razões que desconheço, as suas insígnias não figurem no brasão.

Quanto aos mais recentes donatários do Couto ou Honra de Azevedo, eles foram distinguidos por carta régia de D. Maria II, datada de 23-11-1876, na qual lhes era conferido o título de 1.º Conde de Azevedo, na pessoa de Francisco Lopes de Azevedo Velho da Fonseca Barbosa Pinheiro Pereira de Sá Coelho.

O 1.º Conde de Azevedo, muito culto e estudioso, possuidor de uma importante biblioteca, passou parte do seu tempo encerrado nela, escrevendo obras de certo vulto. Depois de muito instado, embora contrafeito, envolveu-se na política, exercendo importantes cargos no governo, durante o difícil período que se seguiu à Guerra Civil, desencadeada entre os partidos que apoiavam os dois irreconciliáveis irmãos, os reis D. Pedro e D. Miguel.

Embora fosse casado, não deixou descendência, pelo que lhe sucedeu nos bens e nos títulos, um sobrinho, Pedro de Barbosa Falcão de Azevedo e Bourbon.

Foi-lhe concedido o título de 2.º Conde de Azevedo pelo rei D. Carlos a 14-07-1905. Este titular foi um homem muito activo e empreendedor, tomando iniciativas que muito beneficiaram a pesca e a agricultura, especialmente Entre Minho e Douro. Muito apaixonado por política, nessa quadra difícil que antecedeu e se prolongou após a implantação da República, deixou uma extraordinária folha de serviço.

O 2.º Conde de Azevedo era muito amigo do malgrado militar Sidónio Pais, embora de ideais políticos diferentes, pelo que, quando foi proclamada a Monarquia do Norte, o Conde sobrou quatro pastas ministeriais, durante o Governo Provisório.

Este empreendimento fracassou pelo que Sidónio Pais foi assassinado, e o Conde, entre outros, foi preso. Mais tarde, após a libertação, instalou-se em Espanha, afastando-se assim do ambiente nacional que lhe era desfavorável.

Decorrido algum tempo radicou-se em Moçambique, fazendo parte de uma grande empresa.

Creio que a antiga residência senhorial dos Pereiras e Azevedos, sita em Mazarefes, continua a ser propriedade dos filhos do 2.º Conde de Azevedo.

Manuel Saleiro

OBAS CONSULTADAS

Nobiliário de Toris, de Manuel de Sousa da Silva; Nobiliário das Famílias de Portugal, de Felgueiras Gato; História de Portugal, de Fortunato de Almeida; Arquivo do Alto Minho, de Norberto Gonzaga.

«Na vida só há um modo de ser feliz: viver para os outros».

Tolstoi

Serviço de Entreatuda e Documentação Conjugal

Nos dias 20 e 21 de Outubro de 1990, no Centro Apostólico do Sameiro, realizaram-se as 1.ª Jornadas Nacionais de Formação do Serviço de Entreatuda e Documentação Conjugal — S.E.D.C., em que participaram mais de 300 pessoas, sendo sobretudo casais (na sua maioria jovens); Sacerdotes, Médicos e Enfermeiros. Vários foram os casais da nossa paróquia que participaram.

Foram tratados os temas: sexualidade; ciclo feminino — fisiologia da reprodução — sinais de fertilidade; contracepção farmacológica; mecanismos da fecundação e seus distúrbios; regulações dos nascimentos em 1990; acolhimento à mulher em situação de angústia, orientações da Igreja sobre a vida conjugal e familiar.

Também foram apresentadas, sob a forma de testemunhos, diversas experiências de utilização dos métodos naturais de regulação dos nascimentos, ou métodos de Conhecimento e Auto-Observação, com especial participação da «Formação e Acção de Grupos Paroquiais». E, complementarmente, foram descritos os objectivos

e a história da Entreatuda Conjugal no Mundo.

Os temas tratados e os testemunhos apresentados suscitaram vivos debates, denunciando situações e sugerindo soluções para os muitos problemas que os casais desejariam que fossem devidamente equacionados e resolvidos:

a) Na formação dos profissionais de saúde: que seja dado aos Médicos e aos Enfermeiros um ensino completo e correcto sobre as investigações científicas e as experiências, a nível mundial, acerca da sexualidade e da vida conjugal no campo da regulação dos nascimentos pelos métodos naturais.

b) Na actuação dos Médicos e dos Centros de Saúde: que exerçam uma acção de acordo com orientações da Organização Mundial de Saúde para a promoção dos métodos naturais, apoiando e não perturbando os casais que os consultam, de modo a respeitar totalmente a sua liberdade e dignidade.

c) Na participação e ministério dos Sacerdotes: que estes obtenham a formação e a convicção indispensáveis



para acompanharem os casais na formação das suas consciências e orientá-los, ou encaminhá-los para casais ou pessoas especializadas, de modo a realizar-se na Igreja o Concílio Vaticano II e os Documentos posteriores que o explicitam sobre a Promoção da Dignidade do Matrimónio e da Família, que inclui a santificação dos cônjuges na educação para a castidade, e preparar «auténticos missionários do amor e da vida» (Familiaris Consortio, 54).

d) Na coresponsabilidade dos casais na missão da Igreja: que saibam encontrar as estruturas e as formas e meios de acção que permitam desenvolver comunidades eclesiais eficazes, para que todos os elementos das famílias cristãs progredam no caminho da santidade, de harmonia e da felicidade, e tornando-se assim sal, luz e fermento evangélicos do Mundo.

e) Nas Escolas: que a nível oficial se regulamente uma adequada educação sexual e se preparem leigos especializados para a sua aplicação, em ordem à formação integral dos jovens.

Obras Paroquiais

Estão a decorrer, na nossa igreja, obras de restauro e beneficiação, na Sacristia Norte e na Tribuna do Altar-Mor, as quais consistem na colocação de placas de betão nos tectos e revestimento dos mesmos com madeira adequada, nova instalação eléctrica, colocação de piso ligeado e novos armários mais funcionais na Sacristia, e colocação de novas escadas e placa de betão para assentar o camarim da Tribuna. Estes trabalhos já de há muito previstos e reclamados, principalmente por

aqueles que têm de utilizar estas dependências, só agora uoderam ser executados. Sendo, obra de todos, e para todos os cristãos desta paróquia, esperamos que todos contribuam na medida das suas possibilidades para que tudo seja pago no mais curto espaço de tempo.

BOM HUMOR. RIA...

Na prisão

— Porque é que estás preso?
— Apenas por um azar. Queria roubar uma casa e andei durante três meses a domesticar o cão. Na noite do roubo, o destino não me ajudou.
— Porquê?
— O cão não ladrrou, mas pisei o rabo do gato e ele miou!

Luz verde

A avózinha leva o neto à igreja. Durante algum tempo fica calado e quieto, mas depois começa a ficar impaciente. Apontando para a luz vermelha junto do sacristão, exclama:
— Avó, quando aparece a luz verde podemos ir embora, não é verdade?

O tecto da igreja

Um pároco de aldeia, durante o sermão diz aos seus fiéis:
— Meus caros filhos, fiz um grande apelo à vossa generosidade para reparar o tecto da nossa igreja. Agora, com o dinheiro recebido posso, finalmente, comprar duas bacias para recolher a água quando chove.

Entre amigos

— Tive muito pouca sorte.
— Mas o que é que te aconteceu?
— Passei uma noite a fazer um poema aos cabelos negros da minha namorada, e ela aparece hoje com os cabelos loiros.

SEMANA MISSIONÁRIA

— BODAS DE PRATA SACERDOTAIS DO P. VITORINO
— BODAS DE OURO DAS IRMÃS DO ESPÍRITO SANTO



IDE POR TODO O MUNDO...

TEVE LUGAR DE 20 A 28 DE SETEMBRO

Os Missionários do Espírito Santo estiveram presentes no seio desta paróquia, no decorrer desta semana, com o objectivo de ajudar a reavivar a sua consciência missionária, nas comemorações dos 50 ANOS DE PRESENÇA DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DO ESPÍRITO SANTO, em Portugal e das BODAS DE PRATA SACERDOTAIS DO PADRE VITORINO.

Estes missionários, trouxeram uma mensagem que comunicaram a todos aqueles que, nesta terra, constituem o Povo de Deus: crianças, jovens e adultos.

Mas esta mensagem não é deles... Trata-se de uma mensagem de Deus para os homens dos nossos dias, sobretudo para aqueles que possuem o dom precioso da Fé cristã e foram chamados à dignidade e missão de membros do Corpo de Cristo que é a Igreja...

Ponte do Sebastião

A Associação de Defesa do Ambiente «Rio Neiva», com sede em Antas, Esposende, levou a efeito, no último fim-de-semana, obras de recuperação da «Ponte do Sebastião», que liga, sobre o mesmo rio, aquela freguesia à de Castelo do Neiva, no concelho de Viana do Castelo.

A ponte em causa, que serve grande número de habitantes dos lugares de Guilheta, Antas, e de Moldes, Castelo do Neiva, encontrava-se em estado bastante precário, devido à queda de

algumas pedras do extremo sul do tabuleiro, correndo mesmo o risco de ruir, no próximo Inverno, se não fossem estas obras de beneficiação.

A iniciativa, que contou com a imediata adesão das Juntas de Freguesia locais, integra-se no Plano de Actividades daquela Associação, que se propõe promover também a recuperação de outras pontes que integram o património do Vale do Neiva e se apresentam degradadas.

S. Paio D'Antas e a Congregação do Espírito Santo

Vem da 1.ª pág.

com tanta naturalidade como se menino fosse ainda.

Esta alegria e simplicidade, mantidas ao longo de toda a sua adolescência e formação, foram, sem dúvida, a grande força humana que deu início ao grande enraizamento da Congregação do Espírito Santo em S. Paio d'Antas.

Com efeito, aquando da sua Missa Nova em Outubro de 1945, o Sr. Padre Manuel Augusto, além de ter já «arrastado» para os bancos dos Seminários da Silva, Godim, Praiã e Viana sete conterrâneos seus, já via bem arregaçados na paróquia os, ainda hoje bem vivos, movimentos da Associação de Nossa Senhora de África e da LIAM.

O dinâmico e inesquecível Sr. Padre José Felício, apoiado entusiasticamente pelo saudoso e, então pároco, Sr. Padre António Ferreira, foi o grande impulsor, na década de 40, destas animadas missionárias, que muito contribuíram, e contribuem ainda, para uma convivência íntima Paróquia/Congregação do Espírito Santo.

Com efeito, entre as múltiplas Congregações e Ordens Religiosas existentes na Igreja, a Congregação do Espírito Santo, a nível masculino, foi a única a ser procurada e escolhida, até hoje, por uma boa trintena de filhos de S. Paio, que, se a ela nem todos ficaram unidos pelos elos da «Profissão», todos lhe ficaram ligados pelos laços da amizade e da gratidão.

Cerca de duas dezenas e meia de filhos de S. Paio (entre os quais eu próprio) foram «chamados mas não escolhidos». Foram caindo ao longo da crivagem e atirados pela vida para os mais variados locais e profissões, mas todos com marcas bem vincadas dos bancos por que passaram, servindo, cada um a seu modo, a causa que Deus lhes confiou e honrando, creio eu, a terra que lhes foi berço e a Congregação que lhes foi escola.

Outros foram mais fortes e, mantendo-se firmes, ficaram pertencendo ao grupo dos «escolhidos». Esses passaram a ser, além de filhos de S. Paio, filhos também da Congregação, à qual se comprometeram a servir, repartindo as suas vidas pelos vários

campos de apostolado e de serviço que, ao longo do tempo, lhes vão sendo indicados.

Esses, sem dúvida, merecem muito mais a estima e a admiração da terra que lhes foi berço e da Congregação que lhes foi e é escola. A eles se deve a grande e íntima ligação entre estas duas porções de uma mesma Igreja.

Datas altas e bem marcantes da união destas duas partes tão distintas mas tão próximas foram, sem dúvida, as das já distantes Ordenações e Missas-Novas desse grupo de conterrâneos que «deixaram pai, mãe, irmãos, terra...» e se entregaram total e incondicionalmente à evangelização das gentes mais carenciadas:

1945 — P.º Manuel Augusto Ferreira.

1954 — P.º António Fernandes de Sá e Manuel Alves Laranjeira (falecido).

1955 — P.º Domingos da Cruz Neiva.

1956 — P.º Dr. Adélio de Almeida Torres Neiva.

1965 — P.º Domingos Matos Vitorino.

1968 — P.º Ernesto de Azevedo Neiva.

A este elenco, sem esquecermos tantas outras pertencentes a diversas Ordens, devemos juntar a Irmã Emília Matos Vitorino, também ela membro da Congregação do Espírito Santo, cujo campo de acção foi, durante muitos anos e até há pouco, as terras inóspitas de Cabo-Verde.

Depois de uma SEMANA MISSIONÁRIA dirigida e animada, na nossa Paróquia, por Padres daquela Congregação, rematada com a comemoração das bodas de prata da Missa-Nova do Sr. P.º Vitorino, todos nos devemos sentir mais unidos e, de mãos dadas, pugnarmos, cada um segundo as suas posses e capacidades, pela cristianização deste mundo indiferente e apático em que, hoje, vivemos.

Que o Senhor desperte muitas e santas vocações missionárias!

António Saleiro

LEDOS IMÓVEIS, LDA.

DIRECÇÃO DE:

J. A. NEVES FERREIRA

-- VENDEMOS

- Apartamentos no Porto e Algarve.
- Andares no Porto e arredores.
- Moradias, prédios e terrenos em diversos pontos do país.

-- COMPRAMOS

- Terrenos em qualquer parte do país, junto à orla marítima.

SE TEM DINHEIRO PARA INVESTIR EM PRÉDIOS, NÃO DEIXE DE NOS CONSULTAR

RUA SÁ DA BANDEIRA 819 - 7.º ESQ.º
4000 PORTO -- TELEF.: (02) 323167 / 313607